

Ministério de Minas e Energia
Assessoria de Comunicação Social – ASCOM

Destaque: (em negrito) Matérias que citam o Ministro Bento Albuquerque ou o MME:

Sumário

VEÍCULO: Valor Econômico.....	2
Título: Bento Albuquerque descarta medidas emergenciais	2
Título: “Vamos transformar a crise em reformas”, afirma Paulo Guedes	3
Título: Cenário reforça contingenciamento	5
Título: Petróleo mais barato dificulta redução da dívida da Petrobras	7
Título: Petrobras perde R\$ 91 bi de valor de mercado na B3	9
Título: Estatal deve avaliar cenário antes de repassar preços	11
Título: O que levou a Arábia Saudita a uma guerra de preços.....	13
Título: Oferta restrita da Austrália e do Brasil seguram minério	17
Título: AES questiona atuação do BTG na oferta da Eneva.....	19
Título: Cosan cria nova empresa de energia e gás	20
Título: Ação da CSN derrete 25,3% na bolsa e valor de mercado cai R\$ 3,9 bi	23
Título: Petróleo ajuda, mas vírus e dólar não	24
Título: Tombo do petróleo golpeia usinas	26
Título: Petróleo derrete, eleva tensão e derruba bolsas	27
Título: Queda do petróleo abala títulos de dívida com grau especulativo	30
VEÍCULO: O Estado de S. Paulo	32
Título: Petrobras perde R\$ 91 bi em valor de mercado em um dia	32
Título: Dia de pânico, exceto em Brasília	33
Título: Crise no petróleo e pânico nas Bolsas aumentam temor de recessão global	35
Título: Não faz sentido mexer no teto agora, afirma Mansueto	37
VEÍCULO: Folha de S. Paulo	38
Título: Petróleo recua 24%; é cedo para avaliar impacto, diz Petrobras.....	38

Título: Mercados têm dia de pânico; Bolsa desaba 12%, maior queda do século	40
Título: Bolsa cai 12%, pior tombo do século; dólar bate R\$ 4,79	43
Título: Desvalorização do petróleo vai tirar ainda mais dinheiro do governo	45
Título: Rússia assume riscos na guerra de preços contra os sauditas.....	47
Título: Vaivém das commodities	50
VEÍCULO: O Globo.....	52
Título: Bolsonaro descarta aumentar imposto sobre combustíveis	52
Título: Petrobras diz que aguenta preço baixo por 1 ano	53
Título: Guerra do petróleo e coronavírus elevam risco de recessão mundial	54
Título: 'A recessão mundial me parece inevitável'	57
Título: Choque econômico em três dimensões.....	60
Título: Rio pode perder R\$ 2,3 bi em arrecadação de royalties.....	62
Título: Guedes diz que reformas são 'a melhor resposta'	64
VEÍCULO: Correio Braziliense.....	66
Título: Ministério avalia taxar gasolina	66
Título: Tesouro nega mais investimento	67
Título: Caminhoneiros sob tensão	68

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Brasil

Autor: Paola de Orte — Para o Valor, de Miami

Título: Bento Albuquerque descarta medidas emergenciais

No Twitter, Bolsonaro nega que governo vá mexer na Cide sobre os combustíveis

O governo não aplicará nenhuma medida emergencial com relação à queda acentuada do petróleo e da bolsa de valores no momento e avalia que “o momento é de tranquilidade”. A informação é do **ministro de Minas e Energia,**

Bento Albuquerque, que afirmou em Miami que o governo está monitorando o mercado e vem estudando desde outubro passado instrumentos que poderão ser aplicados em caso de variação abrupta do preço do barril de petróleo, mas esses instrumentos não serão aplicados ao “caso particular do que está acontecendo no dia de hoje”.

“No momento não há nenhuma medida emergencial que será adotada pelo Executivo. Nós estamos monitorando, acompanhamento e no momento oportuno serão adotadas as medidas e os instrumentos que se fizerem necessários”, afirmou. O ministro também afirmou que não haverá aumento da Cide (Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico), tributo federal sobre o preço dos combustíveis.

As declarações foram feitas em evento com empresários em Miami, do qual participa o presidente Jair Bolsonaro. “Não tem nada de aumento da Cide. A Cide é um dos componentes desses instrumentos que podem ser utilizados, como PIS/Cofins e CPMF.”

O ministro também afirmou que conversou com Bolsonaro e que o presidente está tranquilo. “Hoje [ontem] conversei cedo com o presidente, o presidente está muito tranquilo, ele já colocou claramente que não vai haver interferência de preço e ele disse que quem conduz essa questão é a equipe econômica.”

Bento Albuquerque afirmou que a política de preços da Petrobras será mantida. “Ele [Bolsonaro] disse, por exemplo, que a Petrobras tem total liberdade, a Petrobras vai continuar conduzindo a sua política de preços como veio conduzindo até agora. Nada mudou, o momento é de tranquilidade, nós estamos tranquilos, até porque estamos trabalhando no sentido de que a sociedade tem a certeza de que nós vamos adotar os instrumentos que sejam voltados para o interesse público.

Pelo Twitter, o presidente Bolsonaro confirmou que não existe a possibilidade de o governo aumentar a Cide sobre os combustíveis. Bolsonaro afirmou também que a Petrobras manterá sua política de preços “sem interferências” e que a tendência é que os preços caiam nas refinarias.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Brasil

Autor: Claudia Safatle — De Brasília

Título: “Vamos transformar a crise em reformas”, afirma Paulo Guedes

Para o ministro da Economia, Paulo Guedes, aprovar as reformas é a melhor resposta que o país pode dar à desaceleração da economia mundial, que

tornou-se mais aguda com a disseminação do coronavírus. “Minha resposta a esse cenário é de absoluta tranquilidade”, disse o ministro a jornalistas. “Vamos transformar a crise em reformas, crescimento e geração de empregos”, completou ele a interlocutores logo depois.

Ontem foi um dia de extrema tensão nos mercados. A bolsa teve queda de 12,17%, a ação da Petrobras despencou quase 30% e a taxa de câmbio, que chegou a R\$ 4,79 encerrou o dia com o dólar cotado a R\$ 4,7282, após leilões de dólares à vista pelo Banco Central.

O ministro descarta qualquer possibilidade de alguma ação oficial de cunho keynesiano como acionar o BNDES para financiar projetos de investimentos. Ele não acredita na eficácia dessas intervenções.

Guedes também rechaça, segundo interlocutores, uma revisão da Lei do Teto de Gasto, por ora. Mas essa pode até vir a ser uma mercadoria de troca: se o Parlamento aprovar as reformas que o ministro propõe, ele até poderia flexibilizar o teto de gasto, dividindo com os deputados e senadores um pedaço do que for economizado daqui por diante com a queda da taxa básica de juros.

A área econômica do governo estima que com a Selic na casa dos 4% ao ano o país poderá economizar cerca de R\$ 1 trilhão com o pagamento de juros nos próximos dez anos, montante equivalente ao da reforma da Previdência.

Guedes está confortável com o que ele chama de “4 x 4 com tração nas 4 rodas”: Juros básicos (taxa Selic) a 4% e câmbio na casa dos R\$ 4,00 por dólar. Esse é um mundo novo que convida para a expansão do consumo e dos investimentos e representa um tremendo incentivo às exportações.

Assim como o Brasil não surfou nos anos dourados da globalização, agora, também não será arrastado para a desaceleração/recessão da economia mundial, acredita o ministro. Por ser um país continental e fortemente fechado, o Brasil tem sua própria dinâmica que não necessariamente coincide com as oscilações das economias mais desenvolvidas.

Ele ainda está convencido de que a economia brasileira poderá crescer 2% este ano se forem aprovadas as reformas estruturais cujas propostas o governo já enviou ou ainda enviará nos próximos dias ao Congresso. Estas vão do projeto de independência do Banco Central ao marco regulatório da área de saneamento, passando pelas PECs do Pacto Federativo e Emergencial. As propostas de reforma administrativa e tributária serão encaminhadas entre esta e a próxima semana. A tributária tratará, primeiramente, da criação do IVA dual como resultado da unificação do PIS e da Cofins e a possibilidade de os Estados, com o ICMS, se juntarem a esse imposto.

Se elas forem aprovadas pelo Congresso, o país poderá se diferenciar dos demais emergentes e atrair investidores estrangeiros para os projetos, sobretudo, de infraestrutura e logística.

Guedes disse, durante a transição de governo, que se a taxa de câmbio chegasse a R\$ 5,00 seria a hora de vender uma parcela considerável das reservas internacionais, realizar um bom lucro e resgatar uma parte relevante da dívida. O dólar cotado a R\$ 4,72, como no encerramento dos negócios ontem, é um atrativo importante para o BC vender reservas.

Antes, porém, de se sentir capaz de enfrentar um eventual ataque especulativo contra o real o governo tratou de melhorar os fundamentos. Um dos objetivos foi conter o aumento exponencial das três grandes despesas públicas: previdência, juros e salários.

Ao contrário do tom pessimista do noticiário sobre a performance da economia no ano passado, o ministro avalia que a atividade está em plena recuperação. Como prova disto ele cita o crescimento de 1,7% do PIB no último trimestre de 2019 contra igual período do ano anterior.

Mais usual, contudo, é confrontar trimestre contra o trimestre imediatamente anterior com ajuste sazonal e, nessa medição, a variação do produto interno foi de apenas 0,5%, com uma ligeira desaceleração sobre a expansão de 0,6% no período anterior.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Brasil

Autor: Fabio Graner, Daniel Rittner e Lu Aiko Otta — De Brasília

Título: Cenário reforça contingenciamento

O derretimento nos preços do petróleo reforça o cenário de contingenciamento de despesas do governo federal, a ser anunciado até o próximo dia 22. O preço do petróleo é variável importante na estimativa de receita, tanto por via direta, como por indireta, em um quadro no qual a equipe do ministro da Economia, Paulo Guedes, pelo menos por enquanto, rejeita a ideia de mudar a política fiscal.

O impacto da queda no preço da commodity energética se dá diretamente na arrecadação de royalties e participações, as chamadas “demais receitas” na estatística da União. Esse efeito também tende a ser sentido nos demais entes federativos, em especial em Estados produtores de petróleo, como o já quebrado Rio de Janeiro.

O tombo nos preços internacionais do petróleo deve resultar em perda de R\$ 20 bilhões para os cofres públicos (das três esferas de governo) neste ano, segundo projeções do economista e consultor Adriano Pires, presidente do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE) e especialista na área energética.

Ele estimativa uma arrecadação total com royalties e participações especiais de R\$ 57,8 bilhões em 2020. Essa previsão estava baseada em um barril de petróleo a US\$ 61,25 no mercado internacional. Agora, com preço médio de US\$ 40 no ano, as receitas cairiam para R\$ 37,7 bilhões - contando União, Estados e municípios. O barril do Brent e do WTI a menos de US\$ 35 é algo que dificilmente vai se sustentar, segundo Pires, porque “só tem perdedor com esse preço”.

O impacto indireto da queda no petróleo, por sua vez, está relacionado ao efeito sobre a atividade econômica. Por causa dos resultados decepcionantes do fim do ano passado e do coronavírus, o governo já iria reduzir sua projeção de expansão do PIB para algo ao redor de 2%, dos 2,4% atualmente previstos oficialmente. Um choque dessa magnitude nos preços da commodity pode ter um efeito negativo importante na economia brasileira, ao prejudicar a Petrobras, além dos impactos sobre ativos como dólar e bolsa de valores, que também podem acabar colocando freio na economia real.

A dimensão do corte de despesas que tende a ocorrer ainda não era conhecida pela equipe econômica. Espera-se, por exemplo, a grade de parâmetros macroeconômicos, prometida para depois de amanhã. A possibilidade de bloqueio de gastos já estava contemplada devido a fatores como a retirada da Eletrobras da conta de receitas e a menor expectativa de crescimento do PIB ante o previsto na peça orçamentária.

O eventual bloqueio de despesas ocorre em um momento no qual se elevam as pressões por mais investimentos públicos como forma de enfrentar a crise. Além disso, há um problema de ordem política. O Orçamento já está apertado e cortar gastos pode tornar a situação ainda mais turbulenta.

Fontes da área econômica, contudo, dizem que por enquanto a política fiscal não será alterada, prevalecendo o teto de gastos e a meta de resultado primário. A palavra de ordem na pasta comandada por Paulo Guedes é “calma”, enquanto os efeitos da conjuntura adversa sobre a frágil recuperação da economia brasileira são monitorados.

“Temos que ver novamente os efeitos nas projeções. O que piorou o cenário foi essa forte queda no petróleo. O mundo amanheceu muito ruim, mas estamos relativamente melhor que vários outros emergentes”, disse um interlocutor do governo. “Vamos com calma. Problema maior de curtíssimo prazo é de liquidez

em alguns países. Não é o caso do Brasil. Todo mundo está monitorando e em contato com o resto do mundo”, completou a fonte.

Outra fonte governamental acha mínima a chance de que a política fiscal seja acionada e, se isso acontecer, a tendência seria de ser algo “bem na margem, só para não dizerem que não fizeram nada”.

O secretário de Política Econômica, Adolfo Sachsida, disse ao **Valor** que o governo não cogita alterar a regra do teto de gastos como forma de lidar com o agravamento da crise internacional. “É fundamental avançar com as reformas e respeitar o teto de gastos.”

A adoção de estímulos monetários e fiscais avança no mundo, à medida que crescem os impactos negativos à economia trazidos pelo coronavírus e, agora, pela instabilidade no mercado de petróleo.

Aqui no Brasil, a adoção de estímulos fiscais está fora do cardápio da equipe econômica para lidar com os efeitos da crise. O secretário tem avaliado que o recurso a esse tipo de medida pode agravar o problema do baixo crescimento, em vez de ajudar, dado o quadro fiscal.

Outras fontes governamentais também destacaram nos bastidores a importância de se avançar nas reformas. E enxergam nessa crise uma oportunidade de se facilitar a produção de consensos para o avanço dessas medidas no Congresso Nacional, mesmo diante da instabilidade na relação do Legislativo com o Planalto.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: André Ramalho e Rodrigo Polito — Do Rio

Título: Petróleo mais barato dificulta redução da dívida da Petrobras

O colapso dos preços do petróleo derrubou o valor de mercado da Petrobras em R\$ 91,1 bilhões no pregão de ontem. As implicações da desvalorização da commodity, porém, vão muito além dos impactos sobre as ações da estatal na bolsa. Se o atual patamar do barril persistir pelos próximos meses em torno dos US\$ 35, a expectativa é que a petroleira tenha mais dificuldades para atingir a sua meta de desalavancagem e, com isso, leve mais tempo para aumentar a distribuição de dividendos.

O barril do tipo Brent recuou 24%, cotado a US\$ 34,36, e puxou a queda de 29,7% das ações da Petrobras na B3 ontem. Diante do novo cenário, a companhia pode ser obrigada a cortar investimentos e custos e a acelerar a

venda de ativos - o ambiente para o fechamento de bons negócios, porém, tende a ficar mais difícil.

A Petrobras tem como meta reduzir sua alavancagem, medida pela relação dívida líquida/Ebitda (lucros antes de juros, impostos, depreciação e amortização) para 1,5 vez até o fim de 2020. Depois de atingir o pico de 5,11 vezes em 2015, em meio ao salto do dólar, na época, a empresa vem conseguindo reduzir esse patamar nos últimos anos, baseada sobretudo na venda de ativos, e fechou 2019 com o índice em 2,46 vezes (incluindo os efeitos do IFRS 16).

O mercado de commodities, no entanto, é dinâmico e menos de 20 dias após a companhia reportar o seu balanço de 2019 com uma geração de caixa operacional anual recorde de R\$ 101,7 bilhões, a realidade agora é outra. A Petrobras se depara, neste momento, com más notícias vindas das duas frentes que impactam diretamente a sua alavancagem: de um lado, o dólar alto pressiona para cima o endividamento; na outra extremidade, a desvalorização do óleo puxa para baixo a geração de caixa.

O BB Investimentos calcula, por exemplo, que, para cada variação de US\$ 5 nos preços do óleo, o Ebitda da Petrobras é afetado em US\$ 3 bilhões. O Bradesco BBI, por sua vez, estima que as receitas da petroleira para 2020 podem cair de R\$ 321 bilhões para R\$ 223 bilhões, se confirmado o cenário de petróleo a US\$ 35 o barril.

A previsão da estatal é aumentar os dividendos a partir de 2021, para quando é esperada a queda de sua dívida bruta para menos de US\$ 60 bilhões. O receio entre os investidores, agora, é que, com a menor capacidade de pagamento da dívida, em função de uma geração de caixa menor, a nova política de dividendos seja adiada.

Até então o dólar não era motivo de alarde, embora 76% da dívida líquida, de US\$ 63 bilhões, esteja atrelada à moeda americana (a dívida bruta da estatal é de US\$ 87 bilhões). O comando da companhia considera alto o endividamento da empresa, mas a equipe financeira confia nos contrapesos da geração de caixa operacional, nos desinvestimentos e na redução de custos para enfrentar a alta do câmbio. O novo cenário de Brent a US\$ 35, se persistir por mais tempo, porém, muda a equação.

A Petrobras informou que ainda é prematuro projetar eventuais impactos estruturais no mercado. “A companhia segue monitorando o mercado e implementando seu plano estratégico, que a prepara para atuar com resiliência em cenários de preços baixos”, informou a empresa, em nota. A petroleira alegou que, graças a esse esforço e a avanços tecnológicos, vem reduzindo

custos de operação no pré-sal a níveis resistentes a cotações baixas do petróleo. “Cabe lembrar que outros fatores influenciam a rentabilidade da operação, tais como a taxa de câmbio”, comentou.

Para o professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) Edmar Almeida, o dilema da empresa, entre investir e pagar dívidas, vai se acentuar daqui para frente. Com a geração de caixa pressionada para baixo, a Petrobras terá de buscar alternativas.

O Credit Suisse destaca que os cortes de investimentos e o programa de venda de ativos - um dos principais pilares da desalavancagem da companhia - serão postos à prova agora. O banco, no entanto, ressalva que o balanço patrimonial da companhia já não é mais tão frágil e que a empresa está mais preparada para um cenário de resiliência. O BB alerta, por outro lado, que o cenário de preços baixos pode comprometer a venda das refinarias, carro-chefe do programa de desinvestimentos.

O receio é de que, com quedas nas receitas da indústria, alguns potenciais interessados podem perder seus poderes de compra. A Wood Mackenzie, por exemplo, estima que, se o Brent permanecer em US\$ 35 o barril pelo restante do ano, até US\$ 380 bilhões em fluxo de caixa podem desaparecer do mercado, ante as projeções dentro de um cenário de preços a US\$ 60.

Do lado operacional, um cenário de petróleo a US\$ 35 ainda é suficiente para preservar a competitividade da estatal. Nesse nível de preços, contudo, a Petrobras pode começar a ter dificuldades para tirar projetos do papel.

Para Rodrigo Leão, coordenador do Instituto de Estudos Estratégicos de Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis Zé Eduardo Dutra (Inep), ao se concentrar na produção para exportação, a Petrobras terá cada vez menos margem de manobra para lidar com esse cenário e preços mais baixos.

(Colaboraram Raquel Brandão e Ivan Ryngelblum, de São Paulo)

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Ana Carolina Neira, Raquel Brandão e Ivan Ryngelblum — De São Paulo

Título: Petrobras perde R\$ 91 bi de valor de mercado na B3

As ações da Petrobras, que já vinham em queda por conta da desaceleração global decorrente do coronavírus, fecharam ontem em forte baixa. A estatal perdeu R\$ 91 bilhões em valor de mercado. Os papéis preferenciais recuaram 29,70% a R\$ 16,05, já os ordinários caíram 29,68% para R\$ 16,92. Foi a maior

queda em um dia da estatal dentro da série histórica do Valor Data, iniciada em julho de 1994.

“A guerra de preços do petróleo deflagrada entre Rússia e Arábia Saudita chegou para jogar gasolina no incêndio”, diz Priscila de Araújo, sócia da Hogan Investimentos. Para ela, os fatos de ontem pioram um quadro que já não era dos melhores e o desempenho do papel só não será ainda pior porque a companhia já vinha passando por um importante processo de melhoria de gestão somado ao programa de desinvestimentos.

“Hoje, a Petrobras está muito mais preparada para enfrentar uma crise dessas, especialmente por possuir um nível de alavancagem muito mais saudável do que no passado. Mas ainda assim é preciso ter atenção, já que o preço do petróleo é o principal pilar de sua política de preços”, diz Priscila.

O Bradesco BBI, no entanto, já cortou a recomendação de compra para neutra e o preço-alvo das ações preferenciais de R\$ 38 para R\$ 23,50. O preço-alvo dos recibos de ações (ADRs) negociados em Nova York passou de US\$ 18 para US\$ 11. Segundo o banco, a desalavancagem da Petrobras deve levar muito mais tempo, com a alavancagem caindo abaixo de 1,5 vez após 2025. “Portanto, dividendos mais altos não devem ocorrer tão cedo”, dizem os analistas.

O corte incorpora perspectivas menos otimistas para o preço do petróleo. O banco assumiu preço médio para o Brent de US\$ 35 em 2020. Nesse cenário, o banco reduziu o desconto do valor do petróleo da estatal em relação ao Brent de US\$ 3 para US\$ 1 por barril.

“Como resultado, estamos incorporando um crescimento mais gradual à produção doméstica de petróleo e mantendo nossa premissa de 2,6 milhões de barris por dia em 2024. Dada a natureza arriscada dos negócios de óleo e gás em águas profundas, preferimos ser conservadores em nossas suposições de produção”, afirmam os analistas. A empresa estima 2,9 milhões de barris diários em 2024.

O banco reduziu a estimativa de receita da estatal de R\$ 321 bilhões para R\$ 223 bilhões em 2020; de R\$ 347,2 bilhões para R\$ 265,7 bilhões em 2021; e de R\$ 372 bilhões para R\$ 310,1 bilhões em 2022.

Já o BB Investimentos colocou as recomendações e os preços-alvo para as ações da Petrobras sob revisão. O banco tinha recomendação de compra para as ações preferenciais e ordinárias, com preços-alvo de R\$ 32,20 e R\$ 36,50, respectivamente. Segundo o analista Daniel Cobucci, a queda nos preços das commodities tem efeito relevante sobre a Petrobras, com consequências diretas para as receitas e o lucro antes de juros, impostos, depreciação e amortização

(Ebitda, na sigla em inglês). Ele calcula que para cada variação de US\$ 5 nos preços do petróleo, a Petrobras é afetada em cerca de US\$ 3 bilhões.

Na avaliação de um analista do setor de óleo e gás de um grande banco, que preferiu não ser identificado, um dos riscos enfrentados pela Petrobras é ajustar-se aos preços no mercado internacional sem prejudicar sua produção e de olho nos riscos políticos. “Num primeiro momento pode parecer bom um combustível mais barato, mas isso tem impactos econômicos consideráveis, especialmente porque pode gerar uma briga com os Estados na parte tributária”, diz.

Ainda assim, o analista reforça que a Petrobras segue com bons fundamentos, apontando a importância de separar o pânico momentâneo das questões estruturais da economia brasileira. “Particularmente vejo isso como oportunidade de entrada na ação, desde que a briga entre Rússia e Arábia Saudita não dure muito tempo.”

Para o Credit Suisse, o plano de corte de investimentos, venda de ativos e redução de dívida da Petrobras será testado. O banco, porém, destaca que o balanço patrimonial da companhia já não é mais tão frágil. “A Petrobras reduziu os níveis de investimentos, implementou várias iniciativas de economia de custos e intensificou o cronograma de vendas de ativos para se tornar mais resiliente ao ambiente de baixos preços do petróleo.” O banco manteve recomendação de compra, com preço-alvo de US\$ 21.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Rodrigo Polito, André Ramalho, Stella Fontes e Taís Hirata — Do Rio e de São Paulo

Título: Estatal deve avaliar cenário antes de repassar preços

A queda acentuada do petróleo ontem, fruto da guerra de preços entre Rússia e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep), liderada pela Arábia Saudita, não deve ser repassada de imediato para os combustíveis vendidos no Brasil, segundo especialistas ouvidos pelo **Valor**. Para eles, a Petrobras, responsável por 98% da capacidade de refino do país, deverá observar o comportamento da cotação do barril e o câmbio nos próximos dias para definir um novo patamar de preço que seja repassado aos derivados de petróleo no mercado interno.

Para o diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), Décio Oddone, se o câmbio permanecer no mesmo patamar e a cotação do petróleo continuar baixa, a tendência é haver um repasse nas refinarias, com efeito nas bombas, em algum momento.

O diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura (CBIE), Adriano Pires, acredita que a Petrobras vai aguardar pelo menos uma semana para avaliar um novo patamar de preços do petróleo, para decidir por novos reajustes na gasolina e no diesel. Ele afirma que a mesma estratégia foi adotada pela estatal com relação ao ataque terrorista a refinarias da Saudi Aramco, na Arábia Saudita, em 2019, e ao ataque do exército dos EUA que causou a morte do general iraniano Qasem Soleimani, no início deste ano - eventos com potencial de aumento do preço do petróleo.

Segundo Pires, o preço do barril do petróleo não deverá ficar na casa dos US\$ 30 - ontem, o Brent fechou em US\$ 34,36. “Esse preço é artificial. O preço, com o efeito do coronavírus e a queda da economia [global] não é US\$ 30. É algo como US\$ 45 [por barril]”, disse.

O diretor da ANP também não acredita que o preço do petróleo permaneça muito baixo por longos períodos. Ele disse que uma guerra de preços pode tirar parte da oferta do mercado, como os produtores de “shale oil” e “tight oil” nos EUA. “[A queda abrupta de preço do petróleo] tem tudo para ser algo de duração limitada.”

Para um analista de investimentos que acompanha a Petrobras e pediu anonimato, a melhor opção para a estatal, neste momento, seria segurar reajustes dos combustíveis para mitigar impactos sobre sua capacidade de geração de caixa. Ele destaca, porém, que este pode não ser o caminho seguido pela empresa. Isso porque, o comportamento do presidente Jair Bolsonaro de comemorar no Twitter cada redução nos preços dos combustíveis, pressiona a Petrobras a reduzir imediatamente seus preços.

Ontem foi um desses dias. Bolsonaro usou a rede social para dizer que o preço tende a cair nas refinarias. Ele afirmou que não elevará a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) para manter o preço dos combustíveis. “O barril do petróleo caiu, em média, 30% (US\$ 35 o barril). A Petrobras continuará mantendo sua política de preços sem interferências. A tendência é que os preços caiam nas refinarias”, disse.

Com relação ao cenário global, o economista e professor da UFRJ Edmar Almeida acredita que a queda de braço entre Arábia Saudita e Rússia é momentânea e que não há evidências de que o atual patamar do Brent permanecerá por muito tempo. Por outro lado, segundo ele, os efeitos ainda incertos da epidemia do coronavírus sobre a demanda por óleo deve fazer com que os preços continuem distantes do patamar de US\$ 60 projetado inicialmente para 2020.

O sócio da área de energias e recursos naturais da KPMG, Anderson Dutra, faz coro. Segundo ele, os preços internacionais do petróleo podem até recuperar parte das perdas dos últimos pregões, se Arábia Saudita e Rússia chegarem a um acordo sobre as cotas de produção, mas dificilmente a cotação do barril do tipo Brent voltará à faixa de US\$ 60.

Na mesma linha, o presidente da Cosan, Marcos Lutz, acredita que a desvalorização atual do petróleo é “demasiada”, diante dos custos de produção no mundo. “A queda não deve ser estrutural deste tamanho, desta magnitude. Por outro lado, a mudança de câmbio pode ser mais estrutural”, afirmou o executivo, em conversa com jornalistas após as apresentações do Cosan Day.

De acordo com Giovani Loss, da área de Infraestrutura e Energia do escritório Mattos Filho, para a indústria petrolífera brasileira, a curto prazo, o impacto é visto nos preços das ações. A médio e longo prazos, o efeito seria a redução da receita das vendas de óleo e consequências indiretas relacionadas, como redução de custos e de capacidade de endividamento.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Anjli Raval e David Sheppard — Financial Times, de Londres

Título: O que levou a Arábia Saudita a uma guerra de preços

Os preços do petróleo chegaram a cair 30%, maior queda diária desde o início da década de 90, depois de a Arábia Saudita ter disparado os primeiros tiros de uma guerra mundial de preços.

As ameaças sauditas de vender seu petróleo com desconto e de elevar a produção levaram a cotação do barril de petróleo Brent, referência do mercado internacional, a cair para até US\$ 31,02. O West Texas Intermediate, referencial do mercado dos Estados Unidos, caiu para US\$ 27,71 por barril.

Por que o maior exportador do mundo decidiu agir de forma tão agressiva agora que a demanda está cambaleante em razão do coronavírus? E o que isso significa para a indústria petrolífera?

Por que a Arábia Saudita iniciou uma guerra de preços?

A Arábia Saudita queria levar a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e a Rússia a realizar cortes adicionais na produção de petróleo para dar sustentação aos preços diante da epidemia de coronavírus, que vem desestabilizando a atividade econômica mundial. Quando a Rússia se recusou, a Arábia Saudita voltou-se contra o aliado com o qual vinha trabalhando desde 2016 para impulsionar o mercado de petróleo.

A reação de Riad foi elevar a produção e oferecer seu petróleo com fortes descontos. Analistas dizem que se trata de uma decisão tomada para punir os russos por terem abandonado a aliança Opep+.

Outra possível intenção da Arábia Saudita pode ter sido cimentar a posição de maior exportador do mundo, segundo analistas. As medidas mostram que Riad está disposta a enfrentar a Rússia e outros exportadores que têm custos de produção relativamente altos.

“Havia um consenso na Opep [para reduzir a produção]. A Rússia se opôs e manifestou que a partir de 1º de abril todos poderiam produzir o quanto quisessem. O reino [saudita], então, também está exercendo seu direito”, disse uma fonte a par da política petrolífera saudita.

Analistas questionam a sensatez da abordagem saudita. Sua economia não é imune a fortes quedas nos preços, mesmo que o país aposte na capacidade de ganhar participação de mercado. Mas, sob o comando do príncipe-herdeiro Mohammed bin Salman, o reino ganhou a reputação de atitudes arriscadas e imprevisíveis em momentos nos quais sentiu a necessidade de afirmar-se.

Por que a Rússia não concordou em reduzir a produção?

A Rússia ressaltou que queria ver o impacto total do coronavírus na demanda petrolífera antes de tomar alguma ação. Mas Moscou também tinha interesse em testar a indústria de petróleo de xisto nos EUA. O país acredita que cortes na produção apenas serviriam para ajudar empresas que ajudaram a tornar os EUA o maior produtor mundial de petróleo e que ganharam clientes à custa da Rússia.

Além disso, as sanções americanas contra empresas petrolíferas russas, incluindo as de fevereiro, direcionadas contra o braço de comercialização da

grande estatal russa do setor, a Rosneft, e as tentativas de paralisar o gasoduto Nord Stream 2, que vai da Rússia à Alemanha, enfureceram o Kremlin.

Empresas de petróleo e gás de xisto americanos vêm encontrando dificuldade para ter lucro, mesmo depois do crescimento dos últimos dez anos. Pessoas a par da estratégia de Moscou dizem que a Rússia pensou ter encontrado uma oportunidade para prejudicar a indústria petrolífera americana.

“O volume total de petróleo que foi reduzido como resultado das diversas extensões do acordo Opep+ foi substituído completa e rapidamente por petróleo de xisto americano”, disse um porta-voz da Rosneft, no domingo.

A abordagem saudita na negociação com a Rússia foi uma exigência do tipo “aceite ou caia fora” para que o país aderisse a um corte adicional nas cotas de produção de 1,5 milhão de barris diários, elevando a redução total para 3,6 milhões de barris, cerca de 4% da oferta mundial. Acredita-se que a exigência tenha enervado Moscou, que não se vê como um parceiro menor no acordo com a Opep.

O que acontecerá com a indústria de petróleo de xisto nos EUA?

A forte queda nos preços chega em momento complicado para a indústria de xisto dos EUA. Embora a produção tenha decolado nos últimos dez anos, superando a da Rússia e a da Arábia Saudita, o setor financiou-se com dinheiro emprestado, abrindo mão da participação de investidores. Isso o deixa vulnerável a quedas nas cotações. A enorme queda dos preços desde o início do ano coloca em dúvida qualquer plano de expansão.

O impacto na produção, contudo, pode ser pequeno. Muitos dos pequenos produtores independentes, que somados representam a maior parte da indústria de xisto, fizeram operações de hedge para proteger sua produção garantindo altos preços. É improvável que a oferta americana caia de imediato.

“Em nosso ponto de vista, a produção de xisto nos EUA não vai cair rápido o suficiente para justificar a ideia russa de que iria restringi-la”, disse Ayham Kamel, da firma de consultoria Eurasia Group.

Muitos produtores de xisto, no entanto, podem ter dificuldade para conseguir financiamento e rolar dívidas. Muitos bônus “junk” - títulos classificados como investimento especulativo - lançados pelas petrolíferas são negociados a valores indicando situações de risco ou próximas à inadimplência.

Para o presidente dos EUA, Donald Trump, a pesada queda dos preços representa um dilema. Baixos preços do petróleo são uma parte importante de seu discurso eleitoral e ele frequentemente insta publicamente a Opep a reduzi-

los. Por outro lado, um declínio prolongado poderia prenunciar problemas econômicos para Estados produtores de petróleo e gás como o Texas e a Dakota do Norte.

Por que os preços continuam em queda?

As esperanças de uma recuperação do preço do petróleo no curto prazo recaem em que a contenção da epidemia do coronavírus seja mais rápida do que se imagina.

Comercializadores alertam para a possibilidade de que a demanda mundial por petróleo em 2020 tenha a primeira queda anual em mais de dez anos. O consumo de petróleo neste ano poderia ser, pelo menos, entre 1% e 2% mais baixo do que os analistas previam no início do ano, com a demanda sendo impactada pelas restrições a viagens aéreas e terrestres.

Mas, diante da possibilidade de que o coronavírus se torne uma pandemia, com alcance mundial, as perspectivas de curto prazo para o petróleo são sombrias.

Muito vai depender do grau de aumento na produção da Arábia Saudita. O país tem mais capacidade ociosa do que qualquer outro, então pode elevar a produção rapidamente e colocar no mercado um volume adicional superior a 1 milhão de barris diários nos próximos meses. Além disso, também poderia usar o petróleo de seus estoques para elevar as exportações.

A capacidade russa de elevar a produção é menor. Os baixos preços ameaçam as promessas de longo prazo do presidente Vladimir Putin de investir em áreas como infraestrutura e gastos sociais.

A Arábia Saudita pode ter esperado que a enormidade do declínio iria obrigar a Rússia a voltar à mesa para negociar, mas isso parece improvável. “Essa nova abordagem saudita apenas vai empedernir a posição da Rússia”, disse Amrita Sen, analista-chefe de petróleo da firma de consultoria e análises de mercado Energy Aspects.

Se os baixos preços persistirem, a produção de outros produtores de petróleo poderia diminuir em razão da falta de investimentos ou eles poderiam acabar sendo forçados a encolher seus planos de expansão. Mas isso levaria um bom tempo para se materializar e, além disso, a previsão para a demanda na segunda metade da década já era de queda. Dessa forma, parece ser prematuro apostar em uma rápida recuperação dos preços.

O que isso significa para as grandes petrolíferas?

Depois da forte onda de queda dos preços do petróleo em 2014, nomes como Royal Dutch Shell, BP e ExxonMobil se fortificaram. Reduziram despesas, venderam ativos e deram mais agilidade a suas operações para manter-se lucrativas em tempos de baixos preços do petróleo e proteger seus negócios contra declínios no mercado.

Embora tenham se tornado mais eficientes e passado a ser capazes de gerar mais lucro nos últimos dois anos, com preço médio do barril em torno a US\$ 65, do que quando a cotação era de US\$ 100, as grandes petrolíferas enfrentam outros tipos de pressão.

As empresas estão altamente empenhadas em manter dividendos e recompras de ações para tranquilizar os investidores preocupados com as previsões de que a demanda mundial poderia chegar a seu pico nos próximos dez anos e passar a ter uma tendência geral de queda. Ao mesmo tempo, precisam reduzir o endividamento e dedicar-se a novas fontes de energia, como as renováveis, diante dos temores que se passe a usar menos combustíveis fósseis no futuro.

Se ficar abaixo de US\$ 40 o barril, muitos investidores duvidam que elas terão condições disso. As ações ficarão pressionadas nos próximos dias. “Empresas altamente alavancadas vão ser mais impactadas pela queda nos preços do petróleo”, disse Neil Beveridge, do Bernstein. **(Tradução de Sabino Ahumada)**

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Francisco Góes — Do Rio

Título: Oferta restrita da Austrália e do Brasil seguram minério

Ontem, enquanto os preços do petróleo derretiam no mercado internacional, o minério de ferro - uma das principais commodities brasileiras - também caiu, mas de forma mais contida. O minério com 62% de teor de ferro recuou 2,47% no mercado à vista da China, no porto de Qingdao, a US\$ 87,96 por tonelada. Já o barril do petróleo tipo Brent fechou o dia a US\$ 34,36, queda de 24,09%.

Analistas de bancos de investimento e executivos da área de mineração apontaram as mesmas razões para explicar o fato de o minério de ferro ter caído bem menos do que o petróleo em um dia de pânico nas bolsas. O mercado global de minério de ferro, disseram, vive situação de oferta restrita e de demanda resiliente neste primeiro trimestre de 2020, apesar da epidemia de coronavírus que começou pela China, o principal mercado das grandes mineradoras, e se espalhou pelo mundo.

Diferente do petróleo, segmento controlado por um cartel - a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) -, o minério de ferro é um mercado com poucos produtores de peso e no qual não há combinação de preços. Ontem a ação da Vale fechou cotada a R\$ 37,83 na B3, queda de 15,20% sobre o pregão de sexta-feira, enquanto a ação preferencial de Petrobras caiu 29,70%, a R\$ 16,05.

No momento há bancos com previsões de US\$ 75 por tonelada para o preço médio do minério de ferro no mercado à vista da China, a principal referência do setor, em 2020. Se a previsão for confirmada, vai representar queda de quase 20% em relação à média de 2019, de US\$ 93 por tonelada. A estimativa para o ano, apesar de menor, representa ainda um preço expressivo dadas as incertezas na economia mundial.

Um executivo da indústria mineral disse que não há previsão de um “choque de oferta” a curto prazo. A Vale continua limitada do ponto de vista de produção por questões decorrentes da tragédia de Brumadinho (MG), em janeiro de 2019. A mineradora mantém a meta de produzir entre 340 milhões e 355 milhões de toneladas de minério de ferro em 2020, acima das 302 milhões de toneladas do ano passado.

A Vale está produzindo aquém do que poderia em diversas localidades, como Brucutu, a sua principal mina em Minas Gerais, como consequência das restrições para operar com barragens depois de Brumadinho. Os australianos também não têm previsão de aumentar a oferta de minério de ferro, segundo executivos do setor.

Tanto o Brasil como a Austrália foram prejudicados por condições climáticas adversas no primeiro trimestre. “O nível de exportação de minério de ferro começou o ano bem fraco”, disse um analista. Além de ser um período de menor produção, em termos sazonais, houve neste ano fortes chuvas em Minas Gerais, no Espírito Santo e no Pará, onde estão as jazidas de Carajás.

Pelo lado da demanda, os embarques da Vale para a China continuam dentro da normalidade, segundo apurou o **Valor**. Houve queda da atividade industrial chinesa no primeiro trimestre, como resultado do coronavírus, mas há sinais de recuperação. Dados chineses indicam que o setor siderúrgico, por exemplo, estaria operando com 73% da capacidade instalada. Os estoques de aço são altos no mercado chinês e continuam crescendo. Movimento semelhante é o do minério de ferro, que segue recompondo estoques na China.

Por outro lado, há expectativa entre as mineradoras de que o governo chinês não deixe o crescimento do país cair. Essa estratégia poderia levar Pequim a colocar mais dinheiro na economia, e investir em infraestrutura, além de

estimular o mercado imobiliário. A queda dos preços do petróleo poderá ainda se traduzir em redução de custos para as mineradoras.

A Vale tem cerca de 80% de seus custos em reais e, quando há desvalorização cambial, o custo em dólar cai. O principal componente do custo da Vale é o bunker, o combustível de navegação, que tende a se reduzir ainda mais. O efeito de redução de custos para a Vale, porém, não é imediato porque os navios mineraleiros levam 45 dias entre o Brasil e a China e são abastecidos em Cingapura. A cada US\$ 100 de queda no preço do bunker por tonelada, espera-se que o frete da Vale para a China caia em cerca de US\$ 2 por tonelada de minério de ferro vendido. Ontem na LME, a bolsa de metais de Londres, o cobre caiu 2,5%, cotado a US\$ 5,48 mil por tonelada, enquanto o níquel perdeu 2,32%, a US\$ 12,41 mil por tonelada.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Letícia Fucuchima, Rodrigo Polito e Ivan Ryngelblum — De São Paulo e do Rio

Título: AES questiona atuação do BTG na oferta da Eneva

Em carta, empresa questiona suposto “conflito de interesse” na atuação do banco diante do caso

Alvo de uma oferta de combinação de negócios feita pela Eneva, a AES Tietê levantou dúvidas sobre um suposto “conflito de interesse” na atuação do BTG Pactual diante do caso.

Em carta enviada ao BTG Pactual, à qual o **Valor** teve acesso, a AES Tietê questiona o fato de o banco ter coordenado uma oferta de ações sua no ano passado - tendo tido acesso, portanto, a informações estratégicas confidenciais sobre a empresa -, ao mesmo tempo em que detém participação acionária relevante na Eneva, empresa que já estaria estudando, desde o ano passado, a proposta de fusão com a AES Tietê. O documento afirma ainda que a oferta de combinação de negócios teria sido aprovada internamente na Eneva com votos de conselheiros da empresa que são sócios do grupo BTG.

Procurado, o BTG Pactual confirmou o recebimento da carta e declarou que responderá aos questionamentos feitos pela empresa. “O banco reforça que segue políticas consistentes de governança e compliance, e que existem

barreiras para a proteção de informações sigilosas entre os diferentes times e áreas de negócio”, diz. Já a AES Tietê não quis comentar a carta.

O **Valor** apurou que a Eneva prevê se reunir nas próximas semanas com representantes da AES Tietê, depois que o conselho de administração da companhia paulista definir os assessores financeiros e legais, o que está previsto para ocorrer na sexta-feira. A geradora térmica, porém, não comenta o assunto por estar em período de silêncio, em relação a uma operação de emissão de debêntures.

Para um analista que prefere não ser identificado, as oportunidades de geração de valor com o negócio ainda não estão totalmente óbvias. Apesar da complementaridade do portfólio das duas geradoras, ele observa que a Eneva não teria capacidade sobrando para fazer operações de compra e venda de energia dentro do próprio grupo, servindo como “hedge” das hidrelétricas da AES Tietê. Em sua visão, os ganhos não são claros principalmente à AES Corp, grupo americano que controla a AES Tietê: além de ter intensificado recentemente as metas de descarbonização de seu parque gerador, a companhia entrou em um momento de expansão em geração renovável no país após a venda da Eletropaulo, de forma que pode não querer se tornar minoritária na nova empresa.

Outra fonte do mercado afirma, porém, que a operação poderia ser aprovada mesmo sem o aval do grupo controlador. Isso porque a AES Tietê está listada no Nível 2 de governança da B3, segmento que confere aos detentores de ações preferenciais o direito de voto em algumas situações, como a aprovação de fusões e incorporações da empresa.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Stella Fontes e Taís Hirata — De São Paulo

Título: Cosan cria nova empresa de energia e gás

Conectado às mudanças significativas que estão em curso no mercado de óleo e gás no Brasil, o grupo Cosan reuniu ativos e projetos de energia elétrica e gás natural em uma nova empresa, a Compass Gás e Energia. Como o nome informa, a Compass vai investir em projetos de energia elétrica e gás que estão no pipeline da Cosan, além de incorporar operações já existentes, incluindo Comgás e Compass Comercializadora, comprada no ano passado.

“Esses ativos foram contribuídos pela Cosan na nova empresa”, disse Nelson Gomes, presidente da Comgás, que acumulou o comando da Compass. A constituição da nova empresa, apresentada ontem durante o Cosan Day, evidencia a aposta do grupo no Novo Mercado de Gás, programa que vai instituir o mercado livre de gás, aos moldes do que já aconteceu em energia elétrica. Contudo, o momento é turbulento. A forte queda dos preços do petróleo e o câmbio ainda mais desvalorizado podem afetar os planos de venda de ativos do sistema Petrobras, bem como cronograma e custos de novos projetos na área de energia.

Para o presidente da Cosan, Marcos Lutz, a desvalorização atual do petróleo é “demasiada”, diante dos custos de produção de óleo no mundo. “A queda não deve ser estrutural deste tamanho, desta magnitude. Por outro lado, a mudança de câmbio pode ser mais estrutural”, afirmou.

Em infraestrutura, a Compass nasce com dois projetos em fase de licenciamento: o Rota 4, gasoduto que trará o gás do pré-sal para o continente, e um terminal de importação de gás natural liquefeito (GNL) no litoral paulista. Em distribuição, a nova empresa passa a atuar por meio da Comgás e vai buscar a expansão no Sudeste e demais regiões do país. Até 2024, quando se encerra o atual ciclo regulatório, a distribuidora de gás paulista deve investir cerca de R\$ 900 milhões por ano.

“A Compass vai garantir a execução do plano regulatório da Comgás e vai olhar seletivamente algumas das oportunidades de aquisição via privatização que haverá no país”, disse Gomes. Conforme o executivo, a companhia tem de olhar todos os ativos de distribuição que forem colocados à venda “por obrigação”, e não há, de partida, um alvo específico.

Variáveis como localização geográfica, volume e quadro societário definirão o interesse no ativo e a proximidade com São Paulo, área de atuação da Comgás, é um fator que será levado em conta. “Poderíamos ser minoritários, vai depender do acordo de acionistas”, afirmou, acrescentando que a estratégia será definida à medida que os processos de venda forem abertos.

Em geração de energia, o foco está na busca de oportunidades de participação em projetos termelétricos a gás natural. “A Compass quer participar dos leilões de energia com parceiros estratégicos”, disse. Em 2020, a nova empresa deve participar do leilão de térmicas em associação com algum sócio, com projetos já licenciados, para conhecer o mecanismo da operação. “Se for bem sucedido, é possível que no que vem a gente participe [com mais apetite]”, comentou.

Completando a estrutura da nova empresa, a comercializadora de energia Compass Comercialização “traz a experiência do pioneirismo da abertura do

mercado elétrico”. “Ela traz essa inteligência para ajudar a gente a trilhar esse mesmo caminho na comercialização de gás natural no mercado livre”, afirmou Gomes. A Compass já tem autorização como comercializadora de gás e está pronta para iniciar essa atividade assim que o acesso a gasodutos e à infraestrutura da Petrobras estiver de fato ocorrendo - a garantia de acesso ainda depende de regulamentação.

Embora o Termo de Compromisso de Cessação (TCC) firmado entre a estatal e o Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cadê) no ano passado preveja que essa infraestrutura esteja disponível a terceiros até o fim de 2021, o desejo é acelerar o processo. “Ficou claro o desejo de antecipar. Mas o quanto teremos de habilidade para influenciar para que isso se formalize antes, vamos ver”, comentou.

A privatização de parte do sistema Petrobras também muda a configuração da distribuição de combustíveis, na qual o grupo está presente com a Raízen, joint venture com a Shell. A Cosan, via Raízen Combustíveis, está na segunda fase da disputa por determinadas refinarias e a integração das operações deve trazer ganhos, a exemplo do que ocorreu com a compra dos ativos da Shell na Argentina, que incluíram refino.

No ano passado, segundo Ricardo Mussa, que em abril assume o comando da Raízen sucedendo Luis Henrique Guimarães, as sinergias entre Raízen Combustíveis e Raízen Argentina ficaram em R\$ 150 milhões. Mas podem chegar a R\$ 350 milhões, provenientes da importação de combustíveis, custos e eficiência. As empresas já operam com uma mesa única de importação.

Na avaliação de Mussa, a venda de ativos da Petrobras trará mudanças profundas uma vez que o sistema foi desenhado originalmente para operar de forma única e integrada. “O sistema vai mudar radicalmente. A utilização da logística vai mudar e a maior dificuldade está em entender como vai funcionar o sistema pós-refino”, afirmou.

Durante o Cosan Day, o presidente da Rumo, Beto Abreu, disse ainda que as obras da ferrovia Norte-Sul estão cumprindo o cronograma. “Em 2021, [a ferrovia] começa a operar de forma bastante intensa nessa região com tanto potencial”, afirmou. A empresa arrematou a concessão do trecho em março do ano passado e assumiu o compromisso de investir R\$ 2,7 bilhões ao longo de 30 anos. Ao fim das obras, a via fará interligação com a Malha Paulista, também da Rumo, o que trará “enormes sinergias”, afirmou Abreu.

Já o contrato aditivo para a renovação antecipada da Malha Paulista deve ser assinado nas próximas semanas. Neste momento, o aditivo está sob análise da Agência Nacional de Transportes Terrestres (ANTT) e, em seguida, segue para a

reta final, que é um retorno ao Tribunal de Contas da União (TCU). Nessa etapa, porém, não haverá nova análise, mas apenas a determinação da data da assinatura do contrato. “A negociação está praticamente finalizada, está muito próximo”, comentou.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Ana Paula Machado — De São Paulo

Título: Ação da CSN derrete 25,3% na bolsa e valor de mercado cai R\$ 3,9 bi

Companhia valia ontem R\$ 11,5 bilhões e seu papel apresentou a terceira maior queda do Ibovespa, atrás dos dois papéis da Petrobras

Em dia de nervosismo nos mercados globais, a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) perdeu R\$ 3,9 bilhões em valor de mercado. As ações da empresa caíram 25,29% ontem, sendo cotada a R\$ 8,30. A companhia valia ontem R\$ 11,5 bilhões. Essa foi uma das maiores quedas do Ibovespa, perdendo apenas para os papéis da Petrobras, que foram afetados pelo recuo dos preços do petróleo. O barril do Brent para maio despencou 24,09%, a US\$ 34,36.

Uma das razões para o desempenho negativo da CSN, disse Pedro Galdi, analista de mercado da Mirae Asset e especialista em siderurgia, é a grande exposição da CSN ao mercado internacional.

“Como a CSN tem dívida elevada em relação às outras siderúrgicas e parte em moeda americana, isso vai pressionar resultado financeiro no primeiro trimestre, podendo retirar lucratividade da empresa. O papel mais exposto ao risco é negociado em momentos assim”, afirmou Galdi.

A companhia fechou 2019 com endividamento líquido de R\$ 27,1 bilhões. Segundo o balanço da CSN, a exposição do passivo em dólar no total da dívida era de 65%.

Na semana passada, o diretor executivo da CSN, Luis Fernando Barbosa Martinez, disse que a meta da empresa era de chegar a uma dívida líquida de R\$ 20 bilhões no fim de 2020. Para isso, a empresa definiu como estratégias desinvestimentos e pré-venda de minério para reduzir a alavancagem.

“A desalavancagem não será somente com a venda da SWT, na Alemanha. Vamos usar todas as fontes para chegar a um nível de endividamento sustentável da companhia o mais rápido possível”, afirmou Martinez. A CSN

colocou à venda da subsidiária alemã em 2018 para diminuir a alavancagem da companhia.

Segundo ele, a CSN também trabalha simultaneamente com acordo de novos contratos de vendas antecipada de minério de ferro (“streaming”) e negocia a venda de 12% da CSN Mineração para um parceiro estratégico. “Estamos trabalhando em paralelo até um IPO [oferta pública inicial de ações] da mineração. São todas alternativas rápidas para se chegar ao nível de dívida confortável”, disse o executivo.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Empresas

Autor: Cibelle Bouças — De São Paulo

Título: Petróleo ajuda, mas vírus e dólar não

Petróleo mais barato é uma boa notícia para as companhias aéreas, mas a alta do dólar e a disseminação dos casos de Covid-19 prejudicam o cenário do setor. Assim, mesmo com a cotação do petróleo tipo Brent caindo ontem 24%, a US\$ 34,36; as ações das maiores companhias aéreas que operam no Brasil - Gol, Latam e Azul - fecharam o dia em forte queda.

“A queda do petróleo é positiva para as aéreas, mas a alta do dólar exerce impacto negativo sobre a maioria dos custos. Além disso, o câmbio desvalorizado é negativo para a demanda de viagens ao exterior. Os efeitos negativos sobressaem mais que os positivos”, disse Henrique Esteter, analista da Guide Investimentos.

Ele acrescentou que o rápido avanço dos casos da epidemia Covid-19 na Europa e nos Estados Unidos aumentam os temores de que o Brasil também enfrente uma crise nas próximas semanas.

“É uma questão de tempo para que a situação se torne mais relevante na economia brasileira. A Anfavea [associação que reúne as montadoras de veículos no Brasil] já anunciou que deve haver parada na produção de automóveis no fim do mês”, acrescentou Esteter.

Bruna Pezzin, analista da XP Investimentos, observou que as empresas adotaram mecanismos de proteção (hedge) para mais de 80% das compras de combustíveis do primeiro semestre do ano, de forma que a queda recente no preço da commodity não terá impacto significativo nos custos.

“A queda do petróleo deve ter efeito positivo no segundo semestre em diante. Por outro lado, a alta do dólar gera impacto na maioria dos custos das empresas aéreas e fica menos mitigável no curto prazo”, afirmou Bruna.

Renato Hallgren, analista do BB Investimentos, considerou que existe ainda muita incerteza em relação ao impacto do novo coronavírus no Brasil. “Por enquanto, ele atrapalha as viagens internacionais”, disse o analista.

As viagens internacionais representam 23% da receita da Azul e 14% da receita da Gol e nenhuma das duas oferecem voos para Ásia e Oriente Médio, onde estão mais concentrados os casos da doença. A Azul oferece mais voos para Estados Unidos e Europa e a Gol, mais voos para a América Latina.

“Neste momento essas áreas têm menos casos de Covid-19. Por isso, Gol e Azul parecem estar mais protegidas no curto prazo, mas nada impede que esses países também não desenvolvam uma epidemia”, afirmou Bruna.

Hallgren observa que, apesar do cenário difícil, as aéreas brasileiras estão mais fortalecidas do que na grave recessão que o país enfrentou, em 2015 e 2016. As empresas aéreas têm geração de caixa superior a 20% da sua receita, ante 5% em 2015. O custo da dívida diminuiu com a queda dos juros. Além disso, cresceram de forma saudável, mantendo um nível alto de ocupação dos voos, acima dos 80%.

“A principal demanda para as aéreas brasileiras é de viagens corporativas dentro do Brasil e essa demanda ainda não caiu. De forma geral, elas estão melhor estruturadas para enfrentar o momento”, avaliou Hallgren.

Ontem, os papéis da Gol registraram queda de 17,43%, cotados a R\$ 17,38. E as ações da Azul caíram 17,01%, para R\$ 32,10. O Ibovespa, o principal índice da bolsa brasileira, teve queda de 12,17%, para 86.067 pontos. No Chile, as ações da Latam recuaram 4,41%, para 4.875 pesos chilenos. Em Nova York, as American Depositary Receipt (ADR) da Latam caíram 9,03%, para US\$ 5,84.

Em um mês, as ações da Gol caíram 49,16% e as ações da Azul, 43,10%, bem acima da queda de 24,35% do Ibovespa. As ações da Latam acumulam queda de 30,6%.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 10/03/2020****Seção: Agronegócios****Autor: Camila Souza Ramos — De São Paulo****Título: Tombo do petróleo golpeia usinas**

As empresas que atuam no segmento sucroalcooleiro e tem ações negociadas na B3 perderam ontem R\$ 6,5 bilhões em valor de mercado na bolsa diante do “crash” do petróleo e das incertezas sobre os rumos da guerra por participação de mercado declarada pela Arábia Saudita. A queda dos preços do petróleo tende a baratear a gasolina no mercado doméstico e tirar competitividade do etanol nos postos.

A Cosan, que tem 50% de participação na Raízen, maior produtora de etanol do Brasil, viu suas ações recuarem 9,17% e, com isso, seu valor de mercado diminuir em R\$ 2,5 bilhões. As perdas foram amortecidas por novos investimentos anunciados pela companhia em energia e gás, durante evento pela manhã.

No caso do Grupo São Martinho, a baixa dos papéis chegou a 32,36%, e o valor de mercado da empresa encolheu em R\$ 3,1 bilhões. Já as ações da Biosev, controlada pela Louis Dreyfus Company (LDC), registraram queda de 20,29%, e a perda de valor ficou em R\$ 858 milhões no dia. Ainda assim, os papéis da Biosev são os únicos de empresas de agronegócios a acumularem alta na bolsa este ano.

Embora traders e executivos de usinas concordem que ainda seja cedo para estimar o nível de pressão da queda do petróleo sobre os preços internos da gasolina - e, consequentemente, na competitividade do etanol nas bombas -, é certo que o consumo do biocombustível tende a ser prejudicado em algum grau. Além da queda do petróleo, que pode voltar a atrair os motoristas para o consumo de gasolina, o mercado também pode eventualmente sofrer com a pressão do coronavírus na atividade, afetando a demanda do ciclo Otto.

A incerteza levou as usinas e distribuidoras a paralisarem ontem as vendas de etanol, à espera dos próximos movimentos da Petrobras. Embora exista apreensão quanto ao tamanho do corte de preços que a estatal realizará na gasolina A (pura, vendida às distribuidoras), executivos de usinas avaliam que há outros fatores que podem “filtrar” uma transmissão total desse corte, como a posição das distribuidoras e dos governos. “Tem a questão fiscal, do orçamento dos governos”, afirmou Mario Lorencatto, presidente da Usina Coruripe.

Além disso, o mercado consumidor ainda não sentiu o efeito das reduções feitas desde o início do ano. Enquanto a Petrobras já baixou a gasolina A em 12,2% em 2020 (ou R\$ 0,2357 o litro), o preço médio da gasolina C (com etanol anidro, vendida nos postos) caiu 0,6%, ou R\$ 0,027 o litro. Se absorver todos cortes já feitos, a gasolina C ainda teria que cair ao menos R\$ 0,05 por litro, diz Bruno Lima, da consultoria INTL FCStone.

O etanol já vinha perdendo competitividade. Na semana encerrada no dia 7, o litro do etanol só ficou abaixo de 70% do preço da gasolina (patamar de paridade entre os dois combustíveis) em Mato Grosso, diferentemente dos últimos meses, em que registrava vantagem em São Paulo e em Minas, segundo a ANP.

A situação dos grupos sucroalcooleiros não deverá ser tão dramática dada a estratégia que muitos adotaram de fixar os preços do açúcar para a safra 2020/21 e até mesmo para 2021/22, aproveitando as recentes desvalorização cambial e alta da commodity em Nova York. Até 29 de fevereiro, 78% do açúcar a ser embarcado na próxima safra estava (15,3 milhões de toneladas) com preço médio fixado em R\$ 1.313 a tonelada (acima do custo médio de produção), segundo a Archer Consulting.

Com boa parte das vendas de açúcar contratadas e diante do derretimento do petróleo, a tendência é que a próxima safra seja ainda mais açucareira do que o esperado. Em coletiva da Cosan, o executivo Ricardo Mussa, vice-presidente da Raízen - e que assumirá como CEO em 1º de abril -, avaliou que o Brasil poderá elevar a oferta de açúcar em até 6 milhões de toneladas, após ter reduzido o volume em 10 milhões de toneladas nas últimas duas safras.

Apesar do açúcar ter pego carona ontem do debacle dos ativos globais, com os contratos para maio aprofundando perdas desde o início do mês que já somam 8,7%, ou 120 pontos, a remuneração esperada para esse papel na data de vencimento, considerando a atual curva do dólar, indica uma vantagem de R\$ 0,10 por litro acima dos preços esperados para o etanol hidratado também em maio, segundo a INTL FCStone.

VEÍCULO: Valor Econômico

Data: 10/03/2020

Seção: Finanças

Autor: Gabriel Roca, André Mizutani e Roberta Costa — De São Paulo

Título: Petróleo derrete, eleva tensão e derruba bolsas

Em meio à turbulência provocada pela epidemia do novo coronavírus, que tem sacudido os mercados financeiros nas últimas duas semanas, os investidores

passaram a ter mais uma preocupação: a desvalorização expressiva dos preços do petróleo. A semana começou tensa, repercutindo a postura agressiva da Arábia Saudita na disputa de preços com a Rússia, que provocou a maior queda nos contratos futuros de petróleo desde a Guerra do Golfo, em 1991.

O dia foi de pânico e fuga generalizada do risco. As bolsas de valores registraram perdas expressivas em todo o mundo. Wall Street resume bem o que se viu ontem no mercado: no que foi o pior dia desde a crise 2008, a queda de 7% do S&P 500 ainda nos primeiros minutos da sessão fez com que o “circuit breaker” (mecanismo disparado pela bolsa para interromper o pregão por 15 minutos) fosse acionado em Nova York. Esse tipo de interrupção não ocorria desde 1997, segundo a “Dow Jones Newswires”. A volta às operações não melhorou os ânimos. No fim do pregão, o índice Dow Jones registrou perdas de 7,79%, seguido por S&P 500, com queda de 7,60%, e Nasdaq, com baixa de 7,29%.

“Isso é pânico total”, disse Susan Schmidt, diretora de ações dos EUA da Aviva Investors America, ao “Financial Times”. Para ela, as vendas generalizadas de ontem podem ter sido exageradas.

A queda nos preços do petróleo ampliou o temor de uma recessão global e derrubou as expectativas de inflação nas principais economias do mundo. O contrato do petróleo Brent para maio fechou em queda de 24,09%, a US\$ 34,36 por barril na ICE, em Londres, enquanto o do WTI para abril recuou 24,58%, a US\$ 31,13 na Bolsa de Mercadorias de Nova York.

Na Europa, o cenário não foi diferente. Os principais índices acionários do velho continente recuaram em bloco e agora registram desvalorização superior a 20% desde seu pico mais recente, entrando no território classificado como “bear market” (mercado baixista). O índice Stoxx Europe 600 fechou o dia com perdas de 7,44%. Em Frankfurt, o DAX recuou 7,94% e em Londres, o FTSE-100 caiu 7,69%. O principal destaque de queda na região ficou com a bolsa de Milão, que perdeu 11,17%. O governo da Itália anunciou que todo o país ficará de quarentena para conter a disseminação do coronavírus.

“O ‘bull market’ [mercado de alta] de 11 anos acabou”, disse Peter Cecchini, estrategista-chefe de mercados da Cantor Fitzgerald à “Dow Jones”. Cecchini aponta que os juros baixos se tornaram parte da narrativa usada pelos investidores para justificar a compra de ações, apesar de sinais de que a economia global vinha desacelerando. “Este cenário subjacente de fragilidade é um dos motivos para [as ações] terem caído tão rapidamente. Quando uma bolha cresce tanto, não é preciso muito para estourá-la.”

No mercado de renda fixa, os rendimentos de todos os títulos do Tesouro dos EUA estiveram conjuntamente abaixo de 1% pela primeira vez na história na

sessão de ontem. Além disso, a perspectiva de que o Federal Reserve vai cortar os juros para a faixa entre 0% e 0,25% no curto prazo ganhou força e passou a ser o cenário base de instituições como Capital Economics, Goldman Sachs e Barclays.

O pânico que abalaria os mercados começou ainda na madrugada de ontem, com as perspectivas negativas geradas com a decisão da Arábia Saudita de cancelar seus cortes de produção. A medida veio após a conclusão da reunião da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) e seus aliados ainda na sexta-feira, que não só não conseguiu ampliar a restrição da oferta - tentativa original da reunião - como terminou sem uma extensão dos cortes já existentes estabelecidos para dar suporte aos preços.

As incertezas provocadas pela queda nos preços do petróleo estenderam as turbulências nos mercados de ações e de crédito corporativo nos EUA observadas ao longo das últimas semanas enquanto a epidemia do coronavírus se disseminava pelo mundo. O fato levanta novas preocupações sobre os riscos associados a empresas de energia fortemente endividadas no mercado de “high yield” (de maior risco e retorno) americano e as possíveis consequências para outras empresas, caso as condições financeiras nos mercados de crédito fiquem mais restritas.

“Os acontecimentos no mercado de petróleo dificilmente poderiam ter chegado em um momento pior para o mercado de [títulos] high yield nos EUA”, afirmou o analista Craig Nicol, do Deutsche Bank, ao FT. “A grande questão é como será o contágio no mercado de alto rendimento como um todo, fora do setor de energia. Do nosso ponto de vista, é inevitável.”

Os rendimentos dos Treasuries de dez e 30 anos recuaram a novas mínimas históricas. O juro do papel de dez anos caiu a 0,54% ontem, de 0,707% do encerramento anterior, enquanto o título de 30 anos recuou a 0,99%, de 1,215% do último fechamento, após tocar mínima intradiária de 0,702%.

“Nunca vi isso em quase 30 anos [de carreira]”, disse Scott Thiel, estrategista-chefe de renda fixa da BlackRock. Segundo ele, os investidores estão fugindo para títulos considerados seguros para proteger suas carteiras, enquanto ações, commodities e títulos de dívida corporativa de alto risco caem de forma acentuada.

VEÍCULO: Valor Econômico**Data: 10/03/2020****Seção: Finanças****Autor: Joe Rennison — Financial Times, de Londres****Título: Queda do petróleo abala títulos de dívida com grau especulativo**

Empresas petrolíferas muito endividadas também sentiram o impacto, como Laredo Petroleum, Oasis Petroleum, Range Resources e California Resources

O segmento de maior risco do mercado de bônus corporativos foi fortemente impactado ontem em reação à queda livre da cotação do petróleo, com os preços dos papéis caindo e o seguro contra calotes subindo na Europa e nos Estados Unidos.

Os títulos de dívidas emitidos por empresas americanas de petróleo e gás de xisto sentiram especialmente o golpe, depois que a divergência entre a Arábia Saudita e a Rússia veio à tona no fim de semana e derrubou os preços do petróleo em mais de 20% ontem.

Os bônus da Whiting Petroleum com vencimento em 2021, que tiveram a classificação rebaixada pela S&P Global na semana passada, caíram para 18% do valor de face no fim da manhã, em Nova York. Em janeiro, eram negociados a 100% do valor de face e, no início de março, a US\$ 0,57 por dólar.

O valor dos títulos da Occidental Petroleum com vencimento em 2049 caiu cerca de US\$ 0,30 por dólar, para um valor em torno de 55% do valor nominal. Os papéis da Antero Resources com vencimento em 2023 caíram de mais de US\$ 0,50 por dólar para cerca de 30% do valor de face.

O custo da operação de seguro contra calotes dos bônus de alto risco e alto rendimento de empresas americanas chegou a subir para um patamar superior a 600 pontos-base ontem, superando o pico observado no período anterior de agitação no mercado de títulos de empresas de petróleo, em 2016, para depois ficar em 550 pontos-base, segundo dados da IHS Markit.

As quedas vêm aumentando o receio de que os investidores possam estar destinados a sofrer perdas mais sérias com os bônus. “Os acontecimentos no mercado de petróleo no fim de semana dificilmente poderiam ter chegado em momento pior para o mercado de [títulos de] alto rendimento nos EUA”, disse o analista Craig Nicol, do Deutsche Bank. “Um mergulho de quase 20% no petróleo da noite para o dia provavelmente vai resultar em uma carnificina no mercado. A grande questão, no entanto, é [como será] o contágio ao mercado

de alto rendimento como um todo, fora do setor de energia. Do nosso ponto de vista, é inevitável.”

Os bônus considerados mais seguros também já começam a mostrar rachaduras. A operação de seguro contra calotes em títulos de empresas com classificação de investimento não especulativo subiu para 130 pontos-base, o maior patamar desde 2011 e a maior alta desde a quebra do Lehman Brothers em 2008. O ETF (fundo negociado em bolsa como se fosse uma ação) da BlackRock iShares composto por bônus de alto risco, conhecido como HYG, chegou a cair 5% pela manhã, para seu menor preço desde o fim de 2018.

Outras empresas petrolíferas muito endividadas também sentiram o impacto, como Laredo Petroleum, Oasis Petroleum, Range Resources e California Resources. Os bônus da empresa de gás Chesapeake com vencimento em 2021 caíram de 70% para 51% do valor de face ontem.

“Estamos na crista de uma nova rodada de reestruturações das empresas de energia, tanto dentro como fora dos tribunais”, disse John Dixon, operador de bônus de alto risco no Dinosaur Financial Group. “Com muitas dessas empresas já gastando mais do que o fluxo de caixa [delas], esperem cortes pesados nos investimentos em bens de capital, o que vai afetar ainda mais fornecedores e prestadores de serviço em situação já complicada.”

A agência de avaliação de risco de crédito Moody's destacou em relatório em fevereiro que as empresas de produção e exploração americanas têm US\$ 86 bilhões em títulos de dívidas vencendo antes de 2024, sendo que o pico para as empresas com ratings fracos será em 2022.

O acesso aos mercados de bônus já está mais difícil para as petrolíferas, o que aumenta o risco de que não consigam refinar suas dívidas e acabem quebrando. “O recente comportamento dos investidores indica que [...] as empresas vão continuar a ter um acesso atipicamente difícil ao capital em comparação aos anos anteriores e a outros setores, o que vai aumentar significativamente seu custo de capital no médio prazo e o risco de inadimplência”, escreveram os analistas Sajjad Alam e Steven Wood no informe.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo**Data: 10/03/2020****Seção: Economia****Autor: Denise Luna / RIO****Título: Petrobrás perde R\$ 91 bi em valor de mercado em um dia**

Ações da empresa caem na faixa dos 30%, com queda do preço do petróleo; repasse para o consumidor é incerto

Em apenas um dia a Petrobrás perdeu R\$ 91 bilhões em valor de mercado, a maior perda desde 1986, na esteira do tombo na faixa de 25% do barril de petróleo e da histeria em torno das consequências do novo coronavírus para a economia global. A guerra de preços entre a Rússia e a Arábia Saudita derrubou a cotação da commodity para a casa dos US\$ 31 e acendeu o alerta em relação à estatal. O novo cenário impõe desafios à petroleira que pode ver impactos sobre indicadores como receita, dívida, preço de ativos e investimentos.

A preocupação dos investidores tem como pano de fundo os rumos da receita da Petrobrás, que depende da exportação de petróleo bruto e da venda de combustíveis no mercado interno. Uma queda da demanda mundial provocada pela epidemia pode abater a empresa, apesar de sua produção ter atingido a marca recorde de 3 milhões de barris de óleo equivalente em fevereiro e o dólar favorecer as vendas externas.

Se a China não se recuperar, o resto do mundo também deverá pisar no freio e, com isso, a queda de vendas será inevitável, avaliam analistas. Para o consultor e ex-diretor geral da Agência Nacional do Petróleo, Gás Natural e Biocombustíveis (ANP), David Zylbersztajn, a tensão no mercado de petróleo é estrutural e deve continuar.

A derrocada de cerca de 30% das ações da Petrobrás no pregão de ontem também refletiu a preocupação do mercado com sua situação financeira. Apesar da melhora em 2019, a Petrobrás continua a ser uma das petroleiras mais endividadas do mundo. Com o dólar em alta, a dívida da companhia, que em dezembro era de US\$ 63,2 bilhões, sendo 76% indexados à moeda americana, subiria quase 20%.

O novo choque do petróleo pode ainda atrasar a venda de ativos não estratégicos da estatal, como as refinarias e outros campos de petróleo, que terão seu valor depreciado. A consultoria de investimentos Levante alerta para a necessidade de a Petrobrás analisar os novos investimentos em prospecção. Com custos mais elevados, eles poderão derrubar a rentabilidade de curto prazo da companhia no atual nível de preços do petróleo.

Na bomba. Para Zylbersztajn, a Petrobrás deve manter a política de repasse dos preços às refinarias, “para não perder a credibilidade”. A chegada de uma redução ao bolso do consumidor, entretanto, vai depender dos donos de postos de combustíveis.

A Petrobrás afirmou em nota que está monitorando o mercado e segue com seu plano estratégico que prepara a companhia para atuar com resiliência em cenário de preços baixos. Segundo a estatal, “ainda é prematuro fazer projeções sobre eventuais impactos estruturais no mercado de óleo e gás associado à recente e abrupta variação nos preços do petróleo, dado que ainda não está claro nem a intensidade ou mesmo a persistência do choque nos preços”.

“A Petrobrás continuará mantendo sua política de preços sem interferências. A tendência é que os preços caiam nas refinarias”, disse o presidente Jair Bolsonaro no Twitter. Disse também que a Cide não deve ser reajustada. / COLABORARAM MATHEUS PIOVESAN E FRANCISCO CARLOS DE ASSIS

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Notas e Informações

Autor:

Título: Dia de pânico, exceto em Brasília

Enquanto o pânico varria os mercados, com as bolsas desabando, o preço do petróleo despencando e o dólar disparando em todo o mundo, o ministro da Economia, Paulo Guedes, insistia, ontem de manhã, em ostentar tranquilidade e quase indiferença em relação aos desafios econômicos associados ao coronavírus. Reformas estruturantes são a melhor resposta à crise, disse o ministro, como se os estragos - já iniciados ou já captados no radar - fossem adiáveis até a aprovação e sanção de projetos ainda nem mandados ao Congresso. Enquanto essas declarações eram difundidas, circuit breakers eram acionados em bolsas, no Brasil e no exterior, para interromper os negócios e deter, por algum tempo, o tombo das cotações.

O Brasil tem uma dinâmica própria de crescimento e vai reacelerar, disse o ministro, se as “coisas certas” forem feitas. Em outro momento ele se mostrou até mais otimista, repetindo, como um mantra, uma declaração já ouvida em janeiro em Davos: o Brasil acelera enquanto o mundo desacelera.

Falta vender essa crença aos mercados, dentro e fora do País. Investidores de fora seguem tirando dinheiro do Brasil, enquanto, internamente, economistas de instituições financeiras e de consultorias continuam baixando as projeções para este ano. Pelas novas estimativas, a economia brasileira crescerá 1,99% em

2020. Quatro semanas antes se projetava uma expansão de 2,30%. Na semana passada os cálculos apontavam 2,17%, segundo a pesquisa Focus, publicada pelo Banco Central (BC).

Quando o ministro falou à imprensa, por volta das 10 horas da manhã, o tsunami de pessimismo já se havia espalhado por todo o mundo. O preço do petróleo havia caído mais de 30%. Divergências entre o governo russo e a Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep) podem ter tido alguma influência, mas a causa básica foi mesmo a previsão de menor demanda. Essa previsão havia sido publicada pela própria Opep e pela Agência Internacional de Energia (AIE).

Um corte nas estimativas já havia ocorrido no fim de 2019.

A queda dos preços do petróleo afetou, naturalmente, as ações da Petrobrás. Os efeitos de uma possível baixa dos preços de combustíveis pela estatal eram um dos temas de especulação pelos especialistas, ontem de manhã. Os efeitos fiscais de uma possível diminuição do pagamento de royalties ao setor público também eram motivos de especulação.

Em São Paulo, os negócios da B3, a Bolsa de Valores, foram suspensos pouco depois das 10 horas, quando o Índice Bovespa acumulava queda de 10,02%, com 88.178,33 pontos (em 23 de janeiro esse indicador havia superado 119 mil pontos). Essa interrupção, acionada pelo chamado circuit breaker, pode ocorrer quando a queda do índice principal chega a 10%. Foi a 18ª interrupção desse tipo desde a adoção do sistema em 1997. Quando os negócios foram interrompidos, ontem, a Petrobrás ON caía 24,61% e a Valed, 10,78%. Em Nova York, a bolsa foi paralisada por 15 minutos no começo do pregão, quando o índice S&P recuava 7%.

Quando o medo bateu na bolsa brasileira e, mais tarde, na de Nova York, as da Europa já haviam sido derrubadas. Muitos investidores já haviam fugido em busca da segurança de títulos emitidos por governos das maiores economias.

Com a enorme procura, o rendimento oferecido aos compradores dos papéis caiu mais uma vez. As taxas negativas “pagas” pelos títulos federais alemães atingiram novo recorde (0,853%, pouco depois das 9 da manhã no Brasil). Juros de títulos públicos do Reino Unido ficaram negativos pela primeira vez.

A Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) adiou a divulgação, prevista para ontem, de indicadores antecedentes, normalmente usados para avaliação de tendências. Explicação: falta clareza, nos dados obtidos em vários países, quanto aos efeitos correntes do surto de coronavírus.

Nessa escuridão, sobra uma certeza em Brasília: o Brasil acelera enquanto o mundo desacelera.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: RENÉE PEREIRA, LUIS LUÍS EDUARDO LEAL e ALTAMIRO SILVA JUNIOR e RENATO JAKITAS

Título: Crise no petróleo e pânico nas Bolsas aumentam temor de recessão global

Derretimento do preço do petróleo e vírus derrubam Bolsas; dólar dispara

Risco de recessão global ficou mais evidente com a previsão de que a crise vai se prolongar; Bolsa de São Paulo caiu 12,17%, a maior desde a crise russa em 1998; no mercado de câmbio, apesar de o Banco Central injetar US\$ 3,5 bi, a moeda americana subiu a R\$ 4,72

Numa economia já debilitada por causa da disseminação do novo coronavírus, a decisão da Arábia Saudita de aumentar a produção de petróleo, iniciando uma guerra de preços com a Rússia, teve um efeito devastador no mercado e deteriorou as expectativas de crescimento global. Com a previsão de que a crise vai se prolongar além do calculado inicialmente, o risco de uma recessão global ficou mais evidente, com reflexos no mercado brasileiro.

A Conferência das Nações Unidas para Comércio e Desenvolvimento (Unctad) afirmou ontem que o coronavírus levará alguns países à recessão e fará com que o crescimento global em 2020 desacelere para menos de 2,5%. A agência prevê queda de US\$ 2 trilhões na receita mundial. O cenário gerou pânico global e provocou tombos históricos com a fuga dos investidores a ativos de risco. As principais Bolsas mundiais tiveram suas operações suspensas por um mecanismo chamado de circuit breaker – uma proteção à volatilidade excessiva em momentos atípicos de mercado.

No Brasil, o mecanismo foi acionado quando a Bolsa bateu os 10% de queda no pregão. A última vez que isso havia ocorrido foi em 2017, quando o ex-presidente Michel Temer foi acusado pelo empresário Joesley Batista de integrar um esquema de corrupção. Apesar da parada técnica, o movimento de aversão ao risco continuou. A Bolsa brasileira fechou em queda de 12,17%, em 86.067 pontos, batendo novos recordes. Foi a maior queda porcentual desde 1998 – quando a Rússia decretou moratória.

No mercado mundial, o comportamento das Bolsas não foi muito diferente. Os índices Dow Jones, Standard & Poor's 500 e Nasdaq, que também tiveram o

circuit breaker acionado, fecharam em queda de mais de 7% e o índice de volatilidade VIX chegou a saltar mais de 30%. Na Europa, as Bolsas também tiveram retrações acima de 7% e, assim como nos Estados Unidos, a fuga do risco provocou corrida para a renda fixa.

Pressionado pela aposta do mercado de mais afrouxamento monetário pelo Federal Reserve (Fed, o banco central americano), o dólar recuou ante moedas rivais, mas avançou sobre divisas emergentes e ligadas a commodities. No Brasil, o dólar avançou 1,95%, para R\$ 4,72, apesar de o Banco Central injetar US\$ 3,5 bilhões no mercado, em duas vendas de moeda à vista – tipo de leilão que não se fazia desde dezembro. Hoje a autoridade monetária deve vender mais US\$ 2 bilhões.

Câmbio. No ano, o dólar acumula alta de 18% ante o real. Mas, com a guerra de preços do petróleo, ontem o rublo da Rússia passou a ser a moeda com pior desempenho ante o dólar, que sobe 21% no país. Só ontem, a divisa dos EUA disparou mais de 9% no mercado russo. O petróleo teve a maior queda (25%) desde 1991, na Guerra do Golfo, carregando pelo caminho ações de petroleiras. As ações ordinárias da Petrobrás despencaram 28,5% e as preferenciais, 28,3%.

“Num momento em que o mercado parecia começar a assimilar o coronavírus, surge a guerra de preços do petróleo. Isso é muito preocupante, pois pega a economia fragilizada”, afirma o estrategista-chefe da Davos Financial Partnership, Mauro Morelli.

Segundo ele, no Brasil, a expectativa é de novas revisões do PIB para 2020. Depois do resultado de 2019, os números já estavam abaixo de 2%. Esse número deve mudar ao longo do ano diante da redução da confiança do consumidor e do investidor. A piora do câmbio ontem foi marcada por forte deterioração do risco Brasil, medido pelo Credit Default Swap (CDS) de cinco anos, que subiu de 144 pontos na sexta-feira para 207 ontem. Com isso, atingiu pela primeira vez no governo de Jair Bolsonaro a marca de 200 pontos.

4 PERGUNTAS PARA ...

Carlos Kawall, diretor do ASA Bank e ex-secretário do Tesouro Nacional

1. Há risco de recessão?

Sim. A economia global pode entrar novamente em uma recessão, com pelo menos um trimestre de queda nos Estados Unidos e isso vai nos afetar.

2. Ou seja, não tem como não se contaminar?

Não. É claro que nossa economia depende mais do mercado doméstico; não somos exportadores relevantes de petróleo do ponto de vista líquido; não somos uma economia movida a petróleo; e não temos tanta exposição ao comércio internacional. Mas temos conta de que a cada 0,5 ponto porcentual a menos de crescimento na China, o Produto Interno Bruto (PIB) do Brasil cresce 0,2 ponto porcentual a menos. Se a China crescer um ponto porcentual a menos, nosso crescimento já vai para baixo. Isso já havia nos levado a cortar o PIB do Brasil para 1,5% e hoje podemos falar que pode ser menos do que isso.

3.O cenário doméstico também não é muito bom?

O PIB do quarto trimestre já mostrou desaceleração do crescimento. No primeiro trimestre, o consumo não foi tão bom e os indicadores não estão tão fortes. Há questões mais de curto prazo que já tinham gerado um viés de PIB mais fraco. Mas era algo que estava circunscrito no curto prazo. Mas com esse tipo de impacto na economia global, a probabilidade de a gente conseguir acelerar muito ao longo do ano diminuiu muito.

4.O País tem instrumentos suficientes para conter os efeitos dessa crise?

Temos espaço na política monetária, nos compulsórios e no mercado de câmbio (venda de swaps/reservas). Não temos espaço na política fiscal, a não ser que avancemos nas reformas, em especial a PEC emergencial, que abriria algum espaço para o aumento do investimento público.

VEÍCULO: O Estado de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: IDIANA TOMAZELLI

Título: Não faz sentido mexer no teto agora, afirma Mansueto

O secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, disse ontem que a equipe econômica está monitorando os efeitos do choque do petróleo sobre a economia brasileira, mas ainda é cedo para traçar um diagnóstico sobre a magnitude do impacto. Ele argumentou, porém, que não é hora de mexer no teto de gastos, mecanismo que limita o avanço das despesas públicas à inflação, para impulsionar investimentos públicos.

“Se o efeito da crise for muito de curto prazo, investimento público não adianta”, disse o secretário. “Não faz sentido mexer no teto agora.” Em meio ao pânico nos mercados com o choque no preço do petróleo e o avanço do novo coronavírus, uma ala dos economistas tem defendido a flexibilização do teto para abrir caminho a uma injeção de estímulo na economia com dinheiro

público. “O teto não vai ser problema para garantir o investimento que já está no Orçamento”, garantiu Mansueto.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Mercado

Autor: Nicola Pamplona e Marina Dias

Título: Petróleo recua 24%; é cedo para avaliar impacto, diz Petrobras

No maior tombo desde a Guerra do Golfo, em 1991, Brent fecha a US\$ 34,36, cotação mais baixa em 16 anos

RIO DE JANEIRO E MIAMI - Pressionado pelos riscos de desaceleração da economia global, o petróleo teve nesta segunda (9) a maior queda diária desde a Guerra do Golfo, em 1991, em resposta a disputa entre os países exportadores.

A Petrobras informou e está monitorando o mercado, mas diz que é prematuro projetar os efeitos da queda em suas operações. O mercado, porém, espera cortes no preços dos combustíveis, principalmente depois de o presidente Jair Bolsonaro defender a política de preços da estatal.

O Brent, referência global negociada em Londres, fechou o pregão em queda de 24,1%, a US\$ 34,36 por barril. O WTI, negociado em Nova York, caiu 24,59%, para US\$ 31,13.

Foi a menor cotação do Brent desde o fim de abril de 2004. Durante o pregão desta segunda, o tombo chegou a ser superior a 30%. Os preços já vinham sofrendo com a queda de consumo provocada pelos efeitos do surto de coronavírus na economia, como fechamento de indústrias e redução no transporte.

No domingo (8), porém, o cenário deteriorou com a desintegração da Opep+, grupo de reúne a Organização dos Países Exportadores de Petróleo a outros grandes produtores, como a Rússia, após divergências sobre a adoção de cortes de produção para segurar os preços.

Maior produtor mundial, a Arábia Saudita decidiu retaliar e aumentar sua produção para acima de 10 milhões de barris por dia. Ameaçou ainda oferecer descontos a seus compradores, em um movimento que está sendo chamado de guerra de preços.

“A Petrobras avalia que é prematuro fazer projeções sobre eventuais impactos estruturais no mercado de óleo e gás associados à recente e abrupta variação

nos preços do petróleo, dado que não está clara nem a intensidade ou mesmo a persistência do choque de preços”, disse a estatal.

A companhia, porém, não fez referência aos preços dos combustíveis, que vêm acompanhando mais de perto as cotações internacionais. Em 2020, gasolina e diesel já foram reduzidos quatro vezes —a gasolina subiu uma vez.

Em mensagem em rede social, o presidente Bolsonaro reforçou a liberdade da empresa para praticar preços e desautorizou proposta do (MME) Ministério de Minas e Energia de estabelecer mecanismo para suavizar o repasse das oscilações internacionais aos consumidores no país.

“NÃO existe a possibilidade de o governo aumentar a Cide [imposto federal cobrado sobre gasolina e diesel] para manter os preços dos combustíveis”, escreveu o presidente. “A Petrobras continuará mantendo sua política sem interferências. A tendência é que os preços caiam nas refinarias.”

Mais cedo, em nota, o MME afirmara haver estudos para criar tal mecanismo. Depois, o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, disse que não há nenhuma medida emergencial e que os estudos referem-se a medidas que podem ser aplicadas no futuro.

A criação de um tipo de mecanismo é defendida principalmente pelo setor de etanol, que teme perder vendas com a gasolina mais barata —para valer à pena, o etanol tem que custar, no máximo, 70% do preço da gasolina. Mas enfrenta resistências na área econômica e na ANP (Agência Nacional do Petróleo, Gás e Biocombustíveis).

Analistas dizem que é difícil prever por quanto tempo o petróleo ficará tão baixo, mas há a expectativa é que a crise do coronavírus mantenha as cotações em patamares inferiores aos previstos. Nesta segunda, a Agência Internacional de Energia cortou em 90 mil barris por dia sua projeção para o consumo de petróleo neste ano.

Segundo a agência, 2020 deve ter o primeiro recuo no consumo de petróleo desde 2009, quando o mundo sofria os impactos da crise global.

Analistas brasileiros dizem que o cenário tem impactos na receita da Petrobras. Para Daniel Cobucci, do BB Investimentos, a cada US\$ 5 de que-dano barril do Brent, a estatal perde cerca de US\$ 3 bilhões em seu Ebitda (indicador de geração de caixa).

A queda do preço pode impactar ainda o processo de venda de ativos em curso, ao trazer incertezas sobre qual será a receita futura dos negócios. No momento,

a Petrobras tem negociações abertas para vender campos de petróleo, refinarias e fábricas de biocombustíveis.

Nesta segunda, a estatal frisou que lançou em 2019 um “plano de resiliência”, com o objetivo de se preparar para enfrentar cenários de baixos preços. O plano reforça a estratégia da venda de ativos e fala em corte de 6,6% nos custos gerenciáveis entre 2019 e 2023.

Em dezembro, a empresa estimou que seu custo de produção estaria em US\$ 16 neste ano. Incluindo os gastos em exploração, a companhia fala em custo de US\$ 25 por barril —US\$ 21 se forem considerados só os campos do pré-sal.

Com Reuters

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Mercado

Autor:

Título: Mercados têm dia de pânico; Bolsa desaba 12%, maior queda do século

Guedes diz que reformas detêm crise, mas Congresso defende mais medidas

Nos EUA, Bolsonaro apoia ministro da Economia e diz que coronavírus está superdimensionado

Brasília e Miami - No dia em que o principal índice da Bolsa brasileira teve a maior queda diária do século, o ministro Paulo Guedes (Economia) se disse sereno e defendeu as reformas para conter a crise.

Em resposta às declarações de Guedes, o Congresso cobrou mais ações do governo federal e sinalizou que irá desidratar a PEC (proposta de emenda à Constituição) Emergencial, que cria gatilhos para conter gastos públicos.

A disputa entre Arábia Saudita e Rússia pelo preço do petróleo agravou a fuga de investidores de ativos mais arriscados, já contagiada por causa do novo coronavírus.

As principais Bolsas despencaram nesta segunda (9). O Ibovespa recuou 12,17%, a maior queda diária percentual desde 1998. O dólar subiu 2%, para R\$ 4,727.

A convulsão nos mercados gerou reação de parte dos Poderes e chegou a Brasília. Guedes afirmou que a equipe econômica está tranquila.

Segundo o ministro, “a democracia brasileira vai reagir transformando essa crise em avanço das reformas”. “[É hora de] Os três Poderes, com serenidade, cada um resolver sua parte”, disse.

A orientação de Guedes à equipe econômica foi a de intensificar o discurso de que a crise exige o aprofundamento das reformas. Para ele, o momento de turbulência ajudará a convencer a sociedade sobre a necessidade de ajustes.

Não está nos planos do governo adotar medidas de estímulo, como ampliação do investimento público ou concessão de incentivos tributários.

Na mesma linha, o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, confirmou que não há “nenhuma medida emergencial” a ser adotada.

Em meio à crise aguda, governo e Congresso batem cabeça sobre medidas a serem tomadas. A discussão está centrada em uma ação imediata para a crise atual, enquanto as reformas têm efeito de médio e longo prazos.

“Nós estamos prontos para ajudar, como colaboramos no ano passado com toda a agenda de reformas. Acho que elas [reformas] ajudam, mas certamente não são o único ponto para solucionar os danos da crise”, disse o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-R1).

Ele externou contrariedade com as cobranças de Guedes pela aprovação das medidas.

“Ainda não chegou nem a administrativa nem a tributária, e a [PEC] emergencial, o governo decidiu encaminhar uma pelo Senado e não usar a do deputado Pedro Paulo [DEM-RJ], que estava pronta desde 2017,2018”, criticou.

Apesar de não ter indicado quando vai enviar as reformas, o presidente Jair Bolsonaro chancelou as decisões de Guedes. Em Miami, onde falou a um grupo de empresários brasileiros, disse ser leal à política econômica do ministro.

“Temos, na pessoa do nosso ministro da Economia, um homem conhecido dentro e fora do Brasil, o senhor Paulo Guedes, e às suas políticas econômicas somos leais e buscamos implementá-las”, disse.

Bolsonaro atribuiu a queda nos mercados à cotação do petróleo e ao coronavírus.

“No meu entender está superdimensionado o poder destruidor desse vírus”, disse. “Mas acredito que o Brasil não é que vai dar certo, já deu certo.”

Uma das medidas que ajudaria a abrir espaço para o governo fazer investimentos públicos, como defendido por Guedes e Maia, a PEC

Emergencial deve ser desidratada no Senado e na Câmara. Essa é uma das três PECs do pacote que altera regras fiscais e orçamentárias. Congressistas indicam que irão impor ritmo próprio à análise da matéria.

Nesta semana, a CCJ (Comissão de Constituição e Justiça) fará audiências públicas para a PEC Emergencial. O relator da proposta, senador Oriovisto Guimarães (Podemos-PR), deve apresentar seu parecer na próxima semana.

O texto, que será votado até a primeira semana de abril, já tem resistências. Congressistas dizem que a PEC Emergencial criminaliza o servidor.

“Embora importante, a PEC Emergencial que precisamos não é esta que está posta pelo governo. A base é ela, mas tem excessos que, em vez de aquecer a economia, dar credibilidade ao país, conforto para investidores, vai travar a economia porque tem uma parte que fala em redução de jornada de trabalho e salário de servidor público, que é quem hoje aquece a economia”, afirmou a senadora Simone Tebet (MDB-MS), presidente da CCJ.

Ela é contra o dispositivo que permite a redução em 25% da jornada dos servidores com redução proporcional dos vencimentos quando União, estados e municípios tiverem problemas financeiros. Para evitar que o governo gaste mais do que arrecada, medidas de ajuste serão acionadas quando a despesa corrente exceder 95% da receita corrente.

Guimarães tende a não ceder às pressões de categorias do serviço público, mas poupou do corte de jornada e salário aqueles que ganhem até três salários mínimos (R\$ 3.135).

O texto ainda proíbe reajustes, criação de cargos, reestruturação de carreiras e concursos. “Se o governo não se mexer, não vai acontecer nada. Você acha que, em um ano eleitoral, eles [parlamentares que querem eleger prefeitos e vereadores] vão brigar com corporação de funcionário público?”

O Orçamento deste ano prevê que a PEC entre em vigor no segundo semestre. Com isso, seriam economizados R\$ 6 bilhões neste ano, valor que foi realocado para programas sociais, como o Minha Casa, Minha Vida, SUS e assistência social, além de construção de rodovias e apoio a projetos de desenvolvimento sustentável. Danielle Brant, Daniel Carvalho, Julia Chaib, Thia-go Resende, Bernardo Caram, Paulo Saldaña e Marina Dias

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 10/03/2020****Seção: Mercado****Autor: Júlia Moura e Tássia Kastner****Título: Bolsa cai 12%, pior tombo do século; dólar bate R\$ 4,79**

Ibovespa chega a ter pregão suspenso, e Petrobras tem maior queda da história

São Paulo - A Bolsa brasileira teve sua maior queda do século nesta segunda-feira (9). O Ibovespa, principal índice acionário do país, despencou 12,17%, a 86.067 pontos, menor patamar desde 26 dezembro de 2018. É a maior queda percentual diária desde 10 de setembro de 1998, quando a Bolsa caiu 15,8%, em período marcado pela crise russa.

O índice abriu a segunda em forte queda e, às 10h30, as negociações foram interrompidas quando a desvalorização superou 10%. Esse é o nível para que se acione o chamado circuit breaker, que leva à suspensão do pregão. É o primeiro circuit breaker desde Joesley Day, em maio de 2017, e o sexto da história. A suspensão foi de meia hora.

A maior queda do índice foi da Petrobras, que perdeu R\$ 91 bilhões em valor de mercado na maior desvalorização de sua história.

As ações preferenciais (mais negociadas) caíram 28,3%, a R\$ 16,37, e as ordinárias (com direito a voto), 28,5%, a R\$ 17,10, menores valores desde junho de 2018, período marcado pela paralisação dos caminhoneiros.

Já o Ibovespa cai 27,3% desde o pico mais recente, quando atingiu a máxima histórica de 119.527 pontos, em 23 de janeiro, e apaga todo o ganho do mercado de ações desde o início do governo de Jair Bolsonaro, em janeiro de 2019.

O pânico do mercado reflete a queda de braço entre a Arábia Saudita (membro da Opep) e a Rússia sobre o preço do petróleo. Depois que a Rússia se recusou a cortar a produção para fazer frente à queda do preço da matéria-prima, a Arábia aumentou a oferta do produto, como forma de pressão aos russos, o que fez a cotação do Brent (referência internacional) despencar 24% para US\$ 34,36.

“A decisão da Arábia Saudita pega os mercados de surpresa e adiciona preocupações. Por ora, o impacto nos mercados está sendo avassalador”, diz corretora Guide em relatório.

A já chamada de guerra do preço do petróleo se soma à piorano impacto econômico do coronavírus. A desaceleração da economia global por causa da

doença já é considerada inevitável. Pesa ainda a decisão do governo da Itália de restringir viagens em todo o país por causa do vírus.

Nesse cenário, índices americanos tiveram as piores quedas desde a crise financeira de 2008 e a Bolsa de Nova York também acionou circuit breaker no início do pregão.

O S&P 500 fechou em queda de 7,6%, o Dow Jones, de 7,6%, e a Nasdaq, de 7,3%. Na Europa, o índice que reúne as maiores empresas, caiu 8,45%.

Em cenários de aversão a risco, investidores se desfazem de ações e buscam ativos considerados mais seguros, como ouro, dólar e títulos do Tesouro americano. A maior busca pelo Tesouro faz o seu rendimento cair. Os rendimentos dos títulos do Tesouro dos EUA de dez e de 30 anos atingiram mínimas históricas: 0,997% ao ano e o, 543% ao ano, respectivamente.

No Brasil, o dólar disparou, apesar de duas intervenções do Banco Central. Na máxima do dia, a cotação bateu R\$ 4,794, mas teve a disparada parcialmente contida pela venda à vista de US\$ 3,46 bilhões de reservas.

Apesar das intervenções, a moeda fechou em alta de 2%, a R\$ 4,727. O turismo está a R\$ 4,92 na venda. Em algumas casas de câmbio, chega a ser vendido acima de R\$ 5.

Um novo leilão à vista será feito nesta terça (10), de US\$ 2 bilhões logo na abertura das negociações.

O risco-país brasileiro medido pelo contrato de CDS (Credit Default Swap) de cinco anos subiu 30,3%, uma das maiores altas da história em um dia. O índice retornou ao patamar de janeiro de 2019, aos 186 pontos. Na Argentina, o CDS de cinco anos subiu 67,8%. No Chile, 35%.

Esse é o primeiro período de grande turbulência de pequenos investidores brasileiros, que mais que dobraram a sua participação na Bolsa. De 2018 até fevereiro, os CPFs com ações compradas saltou de 813 mil para 1,95 milhão.

“O psicológico é afetado. Investidores inexperientes ficam ainda mais aflitos porque é primeira vez que enfrentam uma queda acima de 10% e acabam se desfazendo das ações. Quem não tem uma assessoria acaba tomando decisões precipitadas”, diz Carolina Barros, sócia da Ella’s Investimentos, agente autônomo de investimentos ligada à XP.

Segundo Carolina, os clientes pessoa física se desfizeram de cerca de metade da sua cesta de ações, em busca de investimentos mais seguros, com preferência a CDBs de liquidez diária e Tesouro Selic.

Nesse movimento, os contratos de juros futuros subiram, reflexo do temor de investidores sobre os impactos da doença sobre a economia brasileira. Na dúvida, a preferência é por cobrar mais para emprestar ao governo.

A curva de juros futuros mostra uma aposta do mercado em Selic a 4% ao ano, se distanciando dos 3,5% precificados na semana passada. Hoje, a taxa básica está a 4,25% ao ano e o mercado espera um corte na próxima reunião do BC, no dia 18.

O Banco do Brasil se disse confiante na retomada da economia brasileira e que está preparado para atender clientes em momentos de necessidade e capital de giro.

“É natural que os ânimos do mercado se exaltem diante de incertezas, mas os fundamentos econômicos de longo prazo não mudaram, continuam sólidos. O coronavírus e o estresse internacional são pontuais e transitórios”, afirmou Rubem Novaes, presidente do Banco do Brasil.

Em meio à turbulência, a Caixa Seguridade, braço de seguros e previdência da Caixa Econômica Federal, afirmou que estuda suspender o processo de sua oferta inicial de ações (IPO, na sigla em inglês), previsto para abril.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Opinião

Autor: Vinicius Torres Freire

Título: Desvalorização do petróleo vai tirar ainda mais dinheiro do governo

São Paulo - Afora milagres, o pandemônio mundial vai fazer com que o governo arrecade menos. Com menos receita e a perspectiva incerta do que vai ser o mundo daqui a algumas horas, que dirá meses, haverá contenção de despesas por precaução, “contingenciamento”.

É razoável especular que o governo federal perca uns R\$ 20 bilhões da receita esperada para este ano, o equivalente a dois terços do gasto anual em Bolsa Família, baixa devida ao crescimento menor do PIB e da receita com petróleo.

Seria um impacto extra da crise que começou com o coronavírus. Haverá outros.

A tormenta pode levar empresas importadoras de insumos a baixar a produção (por falta ou encarecimento deles) e provocar retransa no crédito bancário. Pode assustar famílias que nos últimos anos fizeram aplicações mais arriscadas e muito mais, pois a alta rápida do dólar abala ânimos em geral.

Um aperto duradouro no gasto público, ainda que provisório, tende a tirar mais um tico do crescimento previsto, já baixo e caindo. A gritaria nos ministérios e nas ruas pode reprisar a de 2019 (lembre-se do protesto contra a suspensão de gastos em educação, por exemplo). Haverá mais sugestões de suspender o teto constitucional de gastos federais.

Nas estimativas da Instituição Fiscal Independente (IFI), a redução de 0,1 ponto percentual no crescimento tira entre R\$ 1,5 bilhão a R\$ 2 bilhões da receita bruta do governo federal. A IFI é um órgão de acompanhamento e avaliação das contas públicas ligado ao Senado.

Considere-se que a previsão de crescimento do PIB caia dos 2,4% (estimativa inicial do governo para o ano) para 1,6% (número para o qual convergem grandes bancos e consultorias); calcule-se tal impacto sobre a receita líquida federal. Dá uns R\$ 11 bilhões.

Mas a coisa pode ser pior. Com o tombo do preço do barril de petróleo, deve cair a receita com as participações em “exploração de recursos naturais” (concessão de exploração de petróleo, por exemplo, o grosso).

Nas contas de um grande banco, apenas por causa do petróleo a redução da receita federal pode ser de R\$ 10 bilhões caso o petróleo continue cotado a US\$ 36 o barril e o dólar fique perto de R\$ 4,80 (para o governo federal, as perdas seriam de R\$ 4 bilhões. O resto do prejuízo recairia sobre estados e municípios).

Este jornalista, porém, ouviu estimativas maiores de perdas com a receita do petróleo: de R\$ 20 bilhões (cálculo de outro banco) ou R\$ 30 bilhões, acredita um analista das contas públicas.

No ano passado, a média do preço do barril foi de US\$ 64 (o tipo Brent); ainda em fevereiro, de US\$ 55. Houve um colapso desastroso. Em 2019, a receita bruta com “exploração de recursos naturais” foi de R\$ 64,7 bilhões, dos quais R\$38,8 bilhões foram transferidos para governos regionais.

Trata-se aqui de tentativas preliminares de fazer projeções e apenas sobre as contas públicas. Há outros impactos a considerar.

O pânico no mercado mundial tende a diminuir a inclinação de investir no Brasil, em particular em novos negócios ou concessões, especificamente de petróleo, embora se trate de um investimento em que se leva em conta o prazo de uma década.

Começam a pipocar exemplos de empresas brasileiras com dificuldades de refazer estoques de matérias-primas e peças importadas. De início, a

desvalorização rápida do real desestimula a compra de máquinas e equipamentos importados.

Uma queda muito grande da confiança do consumidor, mesmo na ausência de limitações práticas impostas pela possível disseminação da covid-19 no Brasil, pode prejudicar o ânimo das empresas de demandar crédito —ou dificultar a concessão de empréstimos. Segundo bancos, isso ainda não está no radar. Mas pode entrar, caso esta crise aguda dure mais um mês ou dois.

O Ibovespa, que mede a variação das principais ações brasileiras, perdeu toda a valorização que teve desde o início do governo de Jair Bolsonaro. Altas de taxas de juros de longo prazo e a evaporação de parte da Bolsa tendem abaixar a confiança de famílias mais remediadas.

Enfim, trata-se de chutes informados preliminares, ressalte-se. Quase todo o mundo da finança foi pego de calças curtas e sem galochas na tempestade que se seguiu à queda histórica dos preços do petróleo.

As recentes revisões para baixo do crescimento da economia, que não têm semanas, terão de ser requentadas —ou, melhor, resfriadas sob balde de gelo. Mas, apesar da pancada, sabe-se ainda muito pouco do futuro desta crise.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo

Data: 10/03/2020

Seção: Mercado

Autor: Igor Gielow

Título: Rússia assume riscos na guerra de preços contra os sauditas

São Paulo - O embate entre Rússia e Arábia Saudita acerca do preço do petróleo é multifacetado e está sob a sombra da crise de demanda do novo coronavírus.

Mas fatores políticos são centrais para entender as motivações do país de Vladimir Putin ao disparar a crise na sexta (6), quando se negou a reduzir a produção do produto e rompeu com a Opep (cartel dos produtores).

Desde os tempos da URSS, hidrocarbonetos são um dos esteios da economia russa, respondendo hoje por 65% das exportações. Entre 30% e 40% do Orçamento federal depende dos royalties pagos por quatro grandes estatais petrolíferas, Rosneft à frente.

Assim, o preço do barril é visto como questão de segurança nacional para Putin, que custeia com petróleo boaparte dos chamados Projetos Nacionais, sua série prioritária de iniciativas de infraestrutura.

O gasto militar russo, que chegou a 5% do PIB no auge da bonança petrolífera dos anos 2000 (hoje está em expressivos 3,7%), também é ancorado nessas exportações.

Cioso da história e temeroso de uma crise existencial para seu país, Putin sabe que a combinação de petróleo baixo e despesas altas com defesa foi um dos elementos fulcrais para a crise que levou ao fim do império comunista, em 1991

A raiz do capítulo atual está no começo da década de 2010. Ali, os EUA passaram a ser os maiores produtores mundiais de petróleo devido à extração do óleo de xisto por meio do fraturamento hidráulico, o “fracking”.

Em 2013, assumiram a ponta do ranking, deixando Arábia Saudita e Rússia para trás —hoje, a fatia de mercado de cada um dos países é 18%, 12% e 11%, respectivamente.

Em 2014, a Opep começou a revidar aumentando a produção, levando a uma guerra de preços destinada a quebrar os produtores de óleo de xisto.

Não deu certo, e a Rússia foi duramente afetada pela queda no preço do barril. Para piorar a situação de Moscou, a anexação da Crimeia naquele mesmo ano levou a sanções ocidentais lideradas pelos EUA, dificultando o acesso russo a crédito. O país entrou em recessão por dois anos (2015 e 2016), e hoje apenas se arrasta com crescimento abaixo de 2%.

Com isso, em 2016 a Rússia topou um acordo com a Opep, criando o grupo Opep+ com alguns outros produtores de fora do cartel. A estratégia foi revertida para os cortes sucessivos de produção, algo aprofundado em 2018.

Novamente, não foi muito eficaz. Os EUA seguiram ganhando mercado e, como os preços do petróleo se recuperaram, seus produtores não quebraram, como desejavam seus competidores.

E Washington passou a atacar ativamente a estratégia energética russa ao impor sanções a empresas e políticos ligados ao setor de gás —Moscou domina os mercados europeus do produto.

Isso tudo parece explicar a mudança de posição na sexta. Entre analistas russos, a leitura foi que o Kremlin perdeu a paciência com a tática e tentou garantir sua fatia de mercado com o grande volume de produção.

O problema é que isso levou à reação saudita, vista como agressiva apesar de previsível.

A fatura será alta. Se a Rússia tiver de aumentar a produção, como a agência Bloomberg disse que a Rosneft fará, isso será mais custoso para o país do que para os sauditas devido à natureza da extração do petróleo no seu território.

Ao mesmo tempo, o Kremlin está mais preparado do que em 2014 para enfrentar a crise, devido à gestão conservadora de sua economia após as sanções sofridas.

Tem US\$ 570 bilhões em reservas, US\$ 100 bilhões a mais que a Arábia Saudita e US\$ 150 bilhões dos quais em fundo soberano que recolhe royalties petrolíferos.

Em 2013, a Rússia dependia de um barril em US\$ 115 para equilibrar seu Orçamento. Hoje, o valor estipulado é de US\$ 51.

Nesta segunda (9), feriado bancário na Rússia, o Ministério da Economia divulgou que poderia aceitar um barril na casados US\$25-30 de 6 aio anos. Se foi uma previsão otimista ou bravata, é incerto.

O rublo ficou no menor patamar em quatro anos nesta segunda ante ao dólar, mas o regime flutuante baseado em cesta de moedas torna a situação menos aguda do que para os sauditas — cujo rial é atrelado ao dólar.

Como o barril ficou abaixo de US\$ 42, foi acionado um mecanismo segundo o qual a Rússia passa 30 dias sem comprar moeda estrangeira e pode acessar o fundo soberano do petróleo para compensar perdas orçamentárias.

Segundo Chris Weafer, diretor da consultoria moscovita Macro-Advisory, o mais provável é que Putin banque a aposta até meados do segundo semestre, talvez outubro. Depois disso, se não houver uma estabilização de preços, terá de voltar à mesa de negociações com os sauditas.

O fator imponderável é a progressão da crise causada pelo novo coronavírus. A demanda mundial pelo petróleo, segundo a Agência Internacional de Energia divulgou nesta segunda, caiu de um acréscimo de 825 mil barris/dia para uma queda de 90 mil barris/dia.

Assim, por mais que russos e sauditas briguem, ao fim as condições objetivas de um mundo flertando com a recessão deverão ao fim determinar o resultado da disputa em uma indústria já ameaçada pela crescente rejeição aos combustíveis fósseis.

VEÍCULO: Folha de S. Paulo**Data: 10/03/2020****Seção: Colunas****Autor: Mauro Zafalon****Título: Vaivém das commodities**

Crise externa eleva ganhos de produtores de soja no Brasil

Assim como o petróleo, o mercado agrícola também desacelerou nesta segunda-feira (9). O setor vive um momento de histeria e de aversão ao risco, segundo Daniele Siqueira, analista da AgRural.

Segundo ela, o mercado agrícola —principalmente o de soja— teve uma recuperação no fim do ano passado, devido às expectativas de que o acordo entre China e EUA movimentasse mais o setor. Perdeu força, no entanto, com o coronavírus no início do ano e sofre agora o impacto da queda do petróleo, que serve de norte para as commodities.

Com esse desarranjo mundial dos produtos agrícolas, perdem os americanos e ganham os brasileiros. Pelo menos com alguns produtos.

Os brasileiros aceleram as vendas e, devido à competitividade do produto nacional no mercado externo, trazida pelo câmbio, vão elevar as receitas obtidas em reais.

A soja registrou, nesta segunda-feira (9), os menores preços desde maio de 2019 em Chicago. Já no porto de Paranaguá, atingiu os maiores valores desde outubro de 2018.

Naquela data, o Brasil era bastante beneficiado pela guerra comercial entre Estados Unidos e China. O país asiático comprou toda soja que encontrou no mercado brasileiro.

O grande impulso dos preços da commodity no Brasil em 2018 era o prêmio que a China pagava para a oleaginosa brasileira, em relação aos valores de Chicago.

Neste ano, os prêmios estão comportados, mas a escalada do dólar, em relação ao real, dá maior competitividade ao setor.

A soja é elucidativa. Mesmo após a assinatura do acordo da fase 1, os chineses se mantêm fora do mercado americano, diz Siqueira.

Nesta safra 2019/20, que teve início em setembro e terminará em 31 de agosto, as compras chinesas da oleaginosa nos EUA acumulam 12,2 milhões de

toneladas, acima dos 9,4 milhões da safra anterior —período da guerra comercial—, mas bem inferior aos 25,5 milhões de toneladas da média de cinco anos.

Favorecido pelo câmbio, o ganho dos produtores de milho é ainda maior no Brasil, uma vez que a negociação é em reais. Parte dos produtores de soja se financia em dólar.

Há um ano, a saca de milho para entrega em julho e agosto, período da colheita da safrinha, era negociada a R\$33 em Cascavel (PR). Neste ano, está em R\$ 37,50. Em Sorriso (MT), os valores subiram de R\$ 17,50 para R\$ 29,50.

Os produtos brasileiros exportáveis estão sob o guarda-chuva do câmbio, mas em alguns casos nem a desvalorização do real salva as receitas.

O algodão é um deles. O produto será muito afetado pela queda do petróleo, um concorrente no setor de fibras.

O setor sucroalcooleiro é outro. Um repasse dos preços baixos do petróleo para a gasolina, desde que esse cenário externo tenha uma duração de meses, afetará os preços internos do etanol.

Uma saída para as usinas é a produção de etanol anidro, que é limitada. Outra é a produção de mais açúcar, mas os preços do produto não são favoráveis no mercado externo.

FRUSTRANTE

A SRB (Sociedade Rural Brasileira) afirma que o decreto paulista 64.842, de 2020, que trata da regularização dos passivos ambientais no estado, é frustrante. É necessária uma garantia das conquistas já obtidas pelas normas federal e estadual.

Há ausência de resoluções das secretarias da Agricultura e do Meio Ambiente para que as regras estabelecidas nas leis federais e estaduais passassem a ser cumpridas.

O decreto não dá ao produtor as ferramentas para a contagem oficial do prazo de regularização de áreas rurais. Ao contrário, cria novas normas, na contramão da desburocratização e da modernização.

A SRB destaca, ainda, que não há solução para as formas de compensação de reserva legal e para a citação sobre as áreas abertas de acordo com a legislação da época, normas que equacionam a obrigação de instituir a reserva legal.

Comunicado da entidade aponta que o decreto vai na contramão dos interesses do setor e cria dificuldades que impedirão a regularização ambiental.

DANDO O TROCO

A Agricultura quer uma igualdade de tratamento entre as ações agrícolas no Brasil e no exterior. Para aprovar pedidos ou fazer negociações, o governo exige correlação.

DANDO O TROCO 2

O Brasil quer que, ao aprovar um produto, principalmente de multinacionais, os países de origem dessas empresas adotem as mesmas regras exigidas dos brasileiros.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: MANOEL VENTURA E PAOLA DE ORTE* BRASÍLIA E MIAMI

Título: Bolsonaro descarta aumentar imposto sobre combustíveis

Ministro de Minas e Energia diz que não estão previstas medidas de curto prazo

O presidente Jair Bolsonaro descartou ontem a possibilidade de o governo aumentar a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) para manter os preços dos combustíveis nos patamares atuais. O presidente também afirmou que a Petrobras manterá sua política de preços “sem interferências” “Não existe possibilidade de o governo aumentar a Cide para manter os preços dos combustíveis. O barril do petróleo caiu, em média, 30% (US\$ 35 o barril). A Petrobras continuará mantendo sua política de preços sem interferências. A tendência é que os preços caiam nas refinarias”, disse, nas redes sociais.

Atualmente, a Cide está zerada para o diesel e representa R\$ 0,10 do litro da gasolina. O governo pode subir esse imposto por decreto, sem necessidade de passar pelo Congresso, até o limite de R\$ 0,36 por litro, para o diesel, e de R\$ 0,86, para a gasolina.

Ao GLOBO, o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, descartou medidas a curto prazo por causa da crise. Ele ressaltou que o governo está monitorando o mercado e vem estudando desde outubro passado instrumentos que poderão ser aplicados em caso de variação abrupta do preço do barril de petróleo: — O momento é de monitoramento, e continuamos trabalhando nos instrumentos que poderão ser aplicados no futuro.

Ele descartou mudanças na política de investimentos e nos leilões do setor, neste momento:

—Apenas se o preço, de fato, estabelecer-se em novo patamar é que os investimentos poderão ser reavaliados.

*Especial para O GLOBO

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: RAMONA ORDONEZ E GABRIEL MARTINS

Título: Petrobras diz que aguenta preço baixo por 1 ano

Companhia perde R\$ 91 bilhões em valor de mercado. Para especialistas, se a cotação do barril permanecer no patamar atual, estatal terá mais dificuldade para vender ativos e levar adiante planos de investimento

No dia em que a Petrobras viu seu valor de mercado encolher em R\$ 91,12 bilhões em razão da guerra de preços do petróleo, a companhia informou que tem capacidade de suportar a cotação baixa do barril por até um ano. Ontem, o Brent fechou com queda de 24,1%, a US\$ 34,36.

Segundo a estatal, ainda é prematuro fazer projeções sobre os impactos estruturais no mercado de óleo e gás uma vez que ainda não estão claras a intensidade e a persistência do choque de preços. Ela atribui a capacidade de lidar com a queda no preço do barril a medidas implementadas em seu plano estratégico.

Ainda assim, a primeira leitura do mercado sobre o impacto da crise para empresas de commodities, como petróleo e minério de ferro, foi de pânico.

Ontem, oito empresas

listadas na Bolsa—Petrobras, Vale, Suzano, Gerdau, Klabin, Cosan, Metalúrgica Gerdau e Usiminas—acumularam perdas de R\$ 141,05 bilhões. Somente Petrobras e Vale perderam R\$ 126,9 bilhões. A interpretação dos analistas é que a guerra de preços entre os principais produtores de petróleo veio para intensificar um cenário já conturbado em razão do avanço da epidemia de coronavírus.

—O mercado ainda discute os impactos do coronavírus na economia. Foi uma bomba lançada em cima de uma fogueira—disse Danilo Cápua, sócio da Guelt Investimentos.

Para Maurício Pedrosa, estrategista da gestora Áfira, caso a crise do petróleo sejamantida, a Petrobras será uma das mais afetadas:

—A companhia tem alto endividamento (no fim do ano passado chegava a R\$ 317,8 bilhões) —disse, acrescentando ver mais dificuldade para venda de ativos.
—A Petrobras pode se ver obrigada a se desfazer de ativos por um preço menos vantajoso para a companhia.

Segundo Alexandre Calmon, sócio do Tauil & Chequer Advogados, um cenário de preços baixos afetaria o interesse dos compradores:

—Com tantas incertezas, esses ativos ficariam com menos liquidez, considerando a retração do apetite de potenciais investidores.

Nos cálculos de Marcelo de Assis, chefe de Upstream para América Latina da consultoria Wood Mackenzie, se os preços do petróleo permanecerem a US\$ 35 o barril, as petroleiras terão perda da ordem de US\$ 380 bilhões. Ele ressalta, porém, que, para que projetos sejam adiados, como os do pré-sal, seria necessário manter preços baixos ao longo de todo este ano.

Ainda não há consenso em relação a quanto tempo o barril pode permanecer no patamar atual, mas analistas dizem que, se for por um período prolongado, isso poderia inviabilizar novos projetos de expansão da produção de petróleo. No caso do Brasil, o valor médio que viabiliza projetos a partir do zero no pré-sal é da ordem de US\$ 45 o barril.

Para Décio Oddone, diretor-geral da Agência Nacional do Petróleo (ANP), um momento de forte baixa de preços tende a retirar do mercado produtores que trabalham com custo mais alto, como os de shale gas (gás não convencional) nos EUA. Oddone ressalta que os investimentos das petroleiras são feitos com foco a longo prazo, mas admite que a queda no preço do barril é má notícia para a 17- Rodada de Licitações prevista para o fim do ano (de pós-sal):

— Se essa crise for de meses não vai impactar de forma significativa projetos que estão encaminhados para a próxima década. Se durar anos, sim.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: JOÃO SORIMA NETO SÃO PAULO, BRASÍLIA E NOVA YORK

Título: Guerra do petróleo e coronavírus elevam risco de recessão mundial

RISCO MAIOR DE RECESSÃO

Choque do petróleo se soma a epidemia, e Bolsas de todo o mundo desabam

Mercados acionários de todo o mundo sofreram ontem perdas históricas na esteira de uma disputa entre Arábia Saudita e Rússia sobre os preços do petróleo —o que se somou à turbulência causada pela epidemia de coronavírus. Os dois fatores, para analistas, formam uma tempestade perfeita que aumenta o risco de uma recessão. Várias Bolsas amargaram as maiores quedas desde 2008, quando eclodiu a crise financeira global. Já o Ibovespa, principal índice da B3, desabou 12,17%, o maior desde setembro de 1998, na crise russa. O indicador caiu aos 86.067 pontos. Desde 23 de janeiro, quando o Ibovespa atingiu a máxima histórica de 119.527 pontos, a desvalorização acumulada é de 38,8%. Somente ontem, as empresas com ações negociadas na Bolsa brasileira perderam R\$ 432 bilhões de valor de mercado, segundo a Economatica.

Mesmo com o Banco Central vendendo US\$ 3,5 bilhões das reservas internacionais, a cotação do dólar comercial subiu 2,03% a R\$ 4,728, novo recorde histórico. Durante o dia, a moeda americana chegou a atingir R\$ 4,79. O BC já anunciou que irá vender hoje mais US\$ 2 bilhões.

Diante da forte volatilidade, o Tesouro Nacional cancelou o leilão que faria na quinta-feira de títulos públicos prefixados.

NEGÓCIOS TRAVADOS

Às 10h31m, meia hora depois da abertura, quando o Ibovespa caía 10,02%, a Bolsa acionou o mecanismo de circuit breaker, que trava os negócios por 30 minutos sempre que as quedas ultrapassam 10%. O mecanismo não era acionado desde 18 de maio de 2017, um dia após o colunista do GLOBO Lauro Jardim revelar áudios do empresário Joesley Batista que comprometiam o então presidente Michel Temer.

Todas as ações do Ibovespa fecharam no vermelho. Os papéis da Petrobras, por exemplo, perderam 29,7%.

O pânico dos investidores se refletiu no chamado risco-país, medido pelos contratos de credit default swap (CDS), uma espécie de seguro contra calotes dos governos. O CDS subiu 30% e chegou a 186 pontos, retornando ao patamar de dezembro de 2018. Foi a maior alta desde 22 de outubro de 2008, na crise financeira global, quando houve um salto de 49,8%.

Nos Estados Unidos, as principais Bolsas também acionaram o circuit breaker quando a queda do índice S&P 500 superou os 7%, logo após a abertura do pregão. Os negócios ficaram suspensos por 15 minutos. Os principais índices americanos fecharam em queda de mais de 7%, no pior dia desde 2008.

Foi a primeira vez que os negócios em Wall Street foram interrompidos desde as eleições presidenciais de 2016.

As quedas também foram fortes na Ásia e na Europa. A Bolsa da Austrália (-7,33%) e de Paris (-8,39%) também registraram suas maiores perdas desde a crise de 2008, enquanto a de Frankfurt (-7,94%) teve seu pior dia desde o 11 de Setembro.

Para o economista-chefe do banco BV, Roberto Padovani, a disputa entre Arábia Saudita e Rússia piorou o que já era grave:

—Os mercados já estavam tensos com a falta de informações sobre os impactos do coronavírus. A guerra do petróleo é um choque dentro de outro choque, agravando o nervosismo dos mercados — disse Padovani, que observa que o grande temor dos investidores são as consequências que a epidemia pode trazer aos outros dois motores do crescimento mundial, além da China, que são os Estados Unidos e a Europa.

INCERTEZA CORROSIVA

Em relatório a clientes, Joachim Fels, assessor econômico global da gestora Pimco, afirmou ver possibilidade de uma recessão nos EUA e na Europa neste semestre. O Japão, segundo ele, já estaria em recessão. “Em nossa opinião, o pior para a economia ainda está porvir”, escreveu Fels.

Para Alberto Ramos, economista-chefe para América Latina do Goldman Sachs, em Nova York, a incerteza “é pior do que o risco”:

—É um cenário muito sério. Embora os governos se esforcem em conter o avanço do coronavírus, inclusive com o desenvolvimento de uma vacina, haverá um impacto muito grande, e caminhamos a passos largos para uma recessão global. E agora, haverá queda da demanda e aumento da oferta do petróleo. Um novo viés negativo para o mercado.

A cotação do petróleo tipo Brent chegou a desabar mais de 30% na noite de domingo, depois de a Arábia Saudita anunciar que cortaria seus preços em mais de 10% e que elevaria a produção em abril.

O pano de fundo foi uma disputa com a Rússia no âmbito da Organização dos Países Exportadores de Petróleo (Opep). O cartel tentava há semanas costurar um acordo para reduzir a produção, devido à queda na demanda por causa do coronavírus, que derrubou a indústria chinesa.

Mas, em um reunião no fim de semana, a Rússia decidiu não cooperar com a Opep para reduzir a produção e, consequentemente, elevar os preços. Em represália, a Arábia Saudita decidiu cortar preços e produzir mais.

A Rússia ontem afirmou que tem capacidade de aguentar os preços baixos por cerca de dez anos, graças a seu fundo soberano de US\$ 150 bilhões. Para analistas, o verdadeiro alvo da briga era a produção de shale gas (petróleo não convencional) nos EUA, que pode não ser lucrativa com o barril em torno de US\$30.

O analista do Citigroup Ed Morse avalia que o barril pode cair a US\$ 20, pois, pela primeira vez, um aumento da oferta ocorre junto com uma queda na demanda.

Em relatório, a agência de classificação de risco Fitch Ratings afirma que “os efeitos do choque do petróleo podem durar muito mais do que aqueles do coronavírus”. O banco Goldman Sachs cortou a previsão para o preço do barril do Brent no segundo e terceiro trimestres para US\$ 30.

O analista Ilan Arbteman, da Ativa Investimentos, porém, não vê mudança nos fundamentos das empresas petrolíferas. Mas ressalta que o consumidor não deve esperar que a Petrobras repasse a queda de preços ao mercado interno.

Colaborou Manoel Ventura, com agências

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: CÁSSIA ALMEIDA

Título: 'A recessão mundial me parece inevitável'

ENTREVISTA

Luiz Carlos Mendonça de Barros

ECONOMISTA

Ex-presidente do BNDES diz que queda de braço entre Rússia e Arábia Saudita deve se resolver rapidamente e normalizar cotação do petróleo

Ex-presidente do BNDES e ex-ministro das Comunicações, Luiz Carlos Mendonça de Barros afirma que a recessão mundial é inevitável, mas o dólar deve voltar a custar R\$ 4,20, depois que tudo se acalmar. Os novatos na Bolsa no Brasil, acredita, não voltarão “nos próximos dez anos”.

Essa queda de braço entre Rússia e Arábia Saudita vai continuar por muito tempo?

A alta do petróleo tem uma componente que não tem nada a ver com coronavírus. Evidente que, com uma recessão mundial, que me parece inevitável, o preço do petróleo tinha que cair, mas não 30%. O que está por trás disso é uma briga entre Rússia e Arábia Saudita. Como sempre a Opep (Organização dos Países Exportadores de Petróleo) faz, para responder à recessão do coronavírus, ela reduziu a produção. Com isso, ela evita a queda no preço do petróleo e guarda o petróleo para mais à frente. O Putin (Vladimir Putin, presidente da Rússia) tem um interesse oposto. Uma queda dessa dimensão vai atingir o grande produtor de petróleo que são os Estados Unidos. O petróleo que os EUA produzem é o shale gas, que tem custo de produção muito maior, usa muita água, é muito mais caro. Só que esse pessoal exporta 11 milhões de barris/dia (o Brasil produz três milhões de barris/dia). Putin está aproveitando a crise para ver se quebra o maior número possível de empresas de shale gas dos EUA. O Financial Times publicou pesquisa que mostra que o apoio ao Trump começou a cair.

A cotação do petróleo vai continuar caindo?

Vai parar de cair daqui a pouco. Mas isso ajudou as Bolsas a caírem hoje (ontem) por causa da importância das ações das petrolíferas nos mercados americanos, que é muito grande. Depois de toda a confusão, você joga uma queda desse nível (de 24%) do petróleo, foi o que provocou essa loucura de hoje (ontem). Como sempre na história dessas crises, começam a acontecer eventos que se somam ao problema maior, que é a recessão que vem pela frente por causa do coronavírus. É uma segunda bomba. Trump vai pegar o telefone e mandar aquele menino (o príncipe herdeiro saudita Mohammad bin Salman) parar essa brincadeira. O que importa para o Trump é a eleição. Pode haver uma crise com as empresas de shale gas, que não vão conseguir pagar suas dívidas. Boa parte do pessoal do shale gas come da mão para boca. É só a Arábia Saudita dizer que vai normalizar a produção que o preço se recupera, pelo menos a US\$ 50.

Quais as consequências para a Petrobras e o pré-sal?

A cotação vai normalizar. Com a cotação a US\$ 50, a Petrobras nada de braçada.

O Banco Central está vendendo dólar no mercado à vista pela primeira vez este ano. Fez certo?

Sim. O aumento do dólar tem vários componentes ao longo dos últimos três meses. O primeiro foi o juro que caiu muito aqui. O gringo que estava com

dinheiro aplicado a juros, comprou dólar e mandou para fora. Depois teve uma onda de empresas brasileiras que tinham dívida em dólar e tomaram dinheiro aqui para pagar a dívida em dólar. O único vendedor de dólar é o Banco Central. Por isso, ele tem mais de US\$ 350 bilhões. O BC não tem outra coisa a fazer. O que o BC certamente vai fazer é não reduzir mais a Taxa Selic.

Mas havia uma expectativa de os juros caírem ainda mais para fazer frente à desaceleração causada pelo coronavírus.

Agora não dá para fazer isso, senão o dólar sobe mais ainda.

Como fica a perspectiva de crescimento para Brasil?

Vai cair um pouco. Parece caveira de burro. Toda vez que a economia começa a encorpar, vem uma crise. Dessa vez é o coronavírus. Ficamos na dependência do estímulo chinês, que virá em dois, três, quatro meses. Os governos, os bancos centrais, os Tesouros vão fazer uma política de expansão na economia para tentar segurar. Até isso ficar definido, fica essa especulação toda. Ainda vem o príncipe da Arábia para complicar mais.

O governo brasileiro tem espaço para estimular a economia?

Não tem, nem adianta. Enquanto não acalmar o pânico, não é só no Brasil, não há o que fazer. O que era para ser feito está sendo feito, como o juro americano que já está praticamente zero em dez anos. O povo está assustado, vende o que tem e compra título que não paga nada de juros. A China tem condições, mas precisa de tempo para acalmar. Talvez dentro de 90,120 dias, se não houver outra crise de petróleo.

A recessão mundial é inevitável?

Já está dada. A economia americana estava no pico, a Europa estava começando a se recuperar e a China, também. Veio o coronavírus, tem que remar tudo de novo. Com todo mundo apavorado, imagina hoje a sangueira nos fundos de investimento. O pior: teve um monte de brasileiro que entrou na Bolsa agora. Esse sai com prejuízo e não volta nos próximos dez anos.

A cotação do dólar vai ficar nesse patamar de R\$ 4,60?

Deve voltar para R\$ 4,20. Já vi isso. O dólar custava R\$ 1,20, quando o câmbio ficou flutuante (em 1999), subiu para R\$ 1,99 e, depois, estabilizou para R\$ 1,35. Tem que esperar acalmar o mercado.

VEÍCULO: O Globo**Data: 10/03/2020****Seção: Colunas****Autor: Míriam Leitão****Título: Choque econômico em três dimensões**

O dia de ontem marca bem essa era dos fatos inesperados em que vivemos. O cenário externo que já era grave piorou muito. A decisão da Arábia Saudita de aumentar a produção e reduzir os preços do petróleo provocou uma hecatombe em todos os mercados. No Brasil, começava mais uma semana de conflito entre governo e Congresso. O presidente da Câmara dos Deputados, Rodrigo Maia, avaliou que a crise pega o país “desorganizado” e alertou: “não podemos transferir nossas mazelas para a crise internacional”. O Ibovespa perdeu 12,1% no dia. Depois do fim do pregão a Itália restringiu a circulação de pessoas em todo o país, que é a oitava maior economia do mundo.

Era para ser mais uma semana tensa por razões nacionais, depois que o presidente Jair Bolsonaro convocou para a manifestação e provocou: “político que tem medo da rua não serve para ser político”. Em entrevista que me concedeu ontem na “GloboNews”, Rodrigo Maia não quis responder a essa declaração.

—Não posso ser comentarista da frase do presidente. Temos problemas mais graves, como um milhão e quinhentas mil crianças que abandonam as escolas. Por isso fomos eleitos. Temos que discutir o Fundeb, o combate à pobreza e à desigualdade.

Então a situação é essa. O país tem muito a fazer no médio e longo prazo, mas os atritos gerados pelo governo nos levam para uma pauta diversionista. Neste momento, três fios desencapados se encontraram. O coronavírus está parando a economia internacional. No Brasil, a tensão institucional se agravou com a convocação feita pelo presidente no fim de semana. E houve a queda abrupta dos preços do petróleo, desorganizando toda a economia mundial.

A decisão do ditador da Arábia Saudita, o príncipe Mohammad bin Salman, serve para mostrar seu poder sobre a economia internacional, é um ato de exibicionismo de quem acabara de mandar prender um tio e um primo em mais uma guerra interna na família real. Mas também fere a própria economia saudita e isso ficou claro na queda das ações da Saudi Aramco. A Arábia Saudita tem um petróleo barato, de baixo custo de extração, mas ao mesmo tempo o país se tornou dependente dos lucros do petróleo para manter o governo totalitário.

A decisão de MBS, como o príncipe ditador é conhecido, jogou sobre o mundo uma sucessão infundável de efeitos em cascata. No Brasil, se isso se mantiver, abre-se um rombo no orçamento. Parte dele prevê renda com leilões de concessão, que se tornam incertos. Governo federal e estados perderão receita se a queda for repassada —e terá que ser— para os preços finais. Se os preços ficarem baixos por muito tempo, o shale (gás e óleo) dos EUA pode entrar em crise.

E como as empresas dessa área operam muito alavancadas, isso se reflete nos bancos americanos. Alias, aqui a queda generalizada de valor das ações ontem levou as preocupações para os bancos, que tiveram fortes recuos. A Petrobras caiu 29,7%, o Bradesco perdeu 9,8%. O corona-vírus afeta o varejo, as empresas aéreas, as de eventos, as que fornecem commodities à China. Por isso houve quedas ontem de 17% da Via-varejo, de 23,9% da Marfrig e de 25% da CSN.

Há duas crises internacionais graves. A do petróleo pode se reverter com o entendimento entre os produtores, Rússia e Arábia Saudita principalmente, sobre como reequilibrar o mercado. Mas há também uma crise interna. O país não cresceu no ano passado, a não ser míseros 1,1%, e o governo Bolsonaro está sempre jogando lenha no conflitos institucionais.

Nesse contexto entrevistei Rodrigo Maia sobre qual pode ser a resposta brasileira às crises. Ele refuta que o Congresso esteja atrasando a aprovação de reformas, e responde: “que reformas? Não posso aprovar o que não existe”. Mesmo assim garante que a tributária será aprovada este ano. Mas acha que é preciso olhar mais profundamente a estagnação brasileira.

—Por que a economia brasileira não cresce? Porque os investidores não retomaram a confiança no país.

Ele critica a forma como Bolsonaro se relaciona com a imprensa e os políticos.

—Ele tem uma forma que respeita pouco a liturgia do cargo e gera conflitos. E esses conflitos vão além do que deveria, gerando insegurança nos investidores.

Durante o fim de semana, quando o petróleo estava caindo 30%, Maia fez pelo Twitter um pedido de entendimento entre os poderes. Ontem, na entrevista, voltou a falar que os poderes “devem conversar para achar uma solução”. Mesmo que o problema do petróleo se resolva, o que fica é um recado: esse é um mundo cheio de imprevistos.

VEÍCULO: O Globo**Data: 10/03/2020****Seção: Economia****Autor: PEDRO CAPETTI E MARCELLO CORRÊA RIO E BRASÍLIA****Título: Rio pode perder R\$ 2,3 bi em arrecadação de royalties**

Queda do petróleo reduz receita e dificulta tarefa do governo de cumprir regras do Regime de Recuperação Fiscal

A queda na cotação do petróleo no mercado internacional pode causar um prejuízo de R\$ 2,3 bilhões aos cofres do Estado do Rio por causa da perda de arrecadação de royalties e participações especiais neste ano. A projeção foi feita pela Gerência de Óleo e Gás da Firjan a pedido do GLOBO. Para especialistas, a mudança no cenário indica que o governo fluminense terá mais dificuldades para cumprir os compromissos do Regime de Recuperação Fiscal (RRF), programa de socorro da União, que vence em setembro. Serviços prestados ao público, como saúde e segurança, também podem ser afetados.

A estimativa da Firjan leva em consideração o preço médio do barril do tipo Brent em US\$ 35 e o dólar a R\$ 4,75, mantida a projeção de produção estimada pela Agência Nacional do Petróleo (ANP). Trata-se de um cenário bem diferente do planejado no orçamento do estado para o ano, quando o preço médio do óleo foi calculado em US\$ 60 e o dólar a R\$3,72.

O secretário estadual de Fazenda, Luiz Claudio Rodrigues de Carvalho, ainda faz contas para medir o impacto da crise sobre as finanças do Rio. Apesar de não ter uma estimativa, ele admite que o prejuízo já está contratado.

—A queda não é corriqueira, e isso dificulta qualquer estimativa —disse Carvalho. — O Estado do Rio é muito dependente de royalties. É uma dependência crônica. (Reduzi-la) vai demorar anos.

RECEITAS EXTRAORDINÁRIAS

Se confirmado o cenário traçado pela Firjan, haverá frustração de 18% na arrecadação. Antes, a Secretaria de Fazenda do Estado do Rio estimava uma arrecadação de R\$ 14,5 bilhões em royalties e participação especial dos mais de R\$ 63,7 previstos no orçamento.

Segundo Jonathan Goulart, gerente de Estudos Econômicos da Firjan, cerca de 20% do orçamento do estado são fruto de royalties e participações. Ele explica que a receita hoje paga despesas fixas em um orçamento engessado, como folha de pagamento dos ativos e inativos. Em razão disso, o Rio enfrentará

dificuldades para equalizar a situação, uma vez que até mesmo os investimentos estão zerados no estado.

— O orçamento tem uma margem de manobra muito pequena. Mesmo a expectativa de crescimento do PIB de 1,9% não vai fazer a arrecadação de ICMS subir a ponto de equalizar (o prejuízo de receita) —explica Goulart.

O plano do estado é recorrer a receitas extraordinárias. O governo já sabia que precisaria de dinheiro extra para pagar financiamento de R\$ 4 bilhões que vence em dezembro, cuja garantia é a Cedae. Agora, a necessidade aumentou. A securitização da dívida ativa, que depende de aval do Congresso, é uma das apostas. O governo buscará aumentar o combate à sonegação.

—Essa necessidade de receita extraordinária só aumentou. Agora precisamos para vencer nossos compromissos e para cobrir a redução de receita por causa da queda do barril —disse o secretário.

Em Brasília, técnicos do Conselho de Supervisão Fiscal, que acompanha o desempenho do Rio no RRF, já estão em alerta. Em fevereiro, o grupo divulgou relatório em que apontava que, no ano passado, a arrecadação estadual teria caído, não fossem as receitas extras de petróleo.

O cenário, porém, não deve atrapalhar as negociações sobre a repactuação do programa, em estudo no Ministério da Economia. Mas há expectativa que a crise contenha ímpetus de gastos extras e incentive cortes de benefícios.

TEMPESTADE PERFEITA'

Para André Luiz Marques, coordenador de programas de gestão e políticas públicas do Insper, o estado caminha para o que chama de “tempestade perfeita”.

— Se isso se mantiver por mais tempo, estaremos caminhando para uma tempestade perfeita, de uma receita que pelo lado do crescimento não está vindo, e pelo outro lado que estava vindo, dos royalties. Se essa frente ruir, vai expor um impacto muito grande nas contas do estado e na prestação de serviços — afirma.

O prejuízo aos cofres públicos, no entanto, pode ser mitigado com o aumento da produção no pré-sal, que reduziu o custo de extração nos últimos anos. Segundo Karine Fragozo, gerente de Óleo e Gás da Firjan, dólar alto e aumento da produção podem mitigar os efeitos do barril em baixa.

Para o município do Rio, a frustração de receitas estimada é de R\$ 800 milhões. Já o país pode perder mais de R\$ 12 bilhões de recursos vindos de royalties e participação especial.

VEÍCULO: O Globo

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor: GABRIEL SHINOHARA, MANOEL VENTURA, RENATA MARIZ, AMANDA ALMEIDA E PAOLA DE ORTE* BRASÍLIA E MIAMI

Título: Guedes diz que reformas são 'a melhor resposta'

Segundo ministro, equipe está 'absolutamente tranqüila'. Maia afirma que projetos não são suficientes e cobra outras ações

O ministro da Economia, Paulo Guedes, afirmou ontem que as reformas são a melhor resposta para os impactos econômicos da crise do coronavírus, e que a equipe econômica está "absolutamente tranqüila" quanto à capacidade de enfrentar a turbulência dos mercados. O ministro adiantou que a reforma administrativa, ainda em análise, pode ser enviada esta semana ao Congresso:

—A equipe econômica é capaz, experiente, segura e está absolutamente tranqüila quanto à capacidade de enfrentar a crise, mas precisamos das reformas. O Brasil pode ser realmente um país que transformou a crise em reaceleração do crescimento, geração de empregos, em um mundo que está em sérios problemas.

O ministro reafirmou que, enquanto a economia mundial está desacelerando, o Brasil segue em direção contrária.

— O Brasil está em plena reaceleração, o mundo descendo, e o Brasil começando a subir. Aí veio o coronavírus, isso agudiza a crise. Temos que manter a absoluta serenidade. A melhor resposta à crise são as reformas.

Em encontro ontem com a comunidade brasileira em Miami, o presidente Jair Bolsonaro disse que as apreensões econômicas com o vírus estão sendo superdimensionadas.

—A questão do coronavírus, no meu entender, está super-dimensionada, o poder destruidor desse vírus. Então, talvez esteja sendo potencializado até por questão econômica.

O presidente destacou que a economia do Brasil está indo bem.

— Os números vêm demonstrando que o Brasil começou a se arrumar em sua economia. Obviamente, os números de hoje têm a ver com a queda drástica da Bolsa de Valores no mundo todo, têm a ver com a queda do petróleo, que despencou.

CONGRESSO AGUARDA TEXTOS

Em contraponto a Guedes, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia (DEM-RJ), lembrou que, além das reformas, outras ações são necessárias por parte do Executivo para aplacar as consequências da crise. Ele lembrou que o Congresso aguarda o texto das reformas administrativa e tributária que o governo ficou de enviar desde o ano passado:

— O Parlamento nunca faltou ao Brasil em momentos de crise e não vai ser diferente agora, muito pelo contrário. Tem pautas de médio e longo prazos, como as duas reformas que o governo deve encaminhar nos próximos dias. Então, estamos aguardando ansiosos já há alguns meses.

O presidente do Congresso, senador Davi Alcolumbre (DEM-AP), também defendeu as reformas e disse que o Senado vai dar continuidade às tramitações:

— A gente precisa ter muita serenidade, discutindo, buscando alternativas para que o Brasil possa se contrapor a esse episódio mundial. Mas o Congresso nunca faltou e não faltará em 2020 à sociedade brasileira. Essas matérias (reformas) são importantes e fundamentais para que Brasil possa se posicionar estrategicamente, fazendo com que a gente tenha horizonte de perspectiva de crescimento.

O secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, adiantou que a equipe econômica está conversando com outros países, podendo haver uma resposta conjunta à crise. Mansueto não informou com quais países está conversando nem disse o que os governos podem apresentar:

— Há vários países com a intenção de dar um recado conjunto, de acalmar em conjunto os mercados.

O secretário do Tesouro afirmou que a principal preocupação é com a arrecadação. Além da União, estados e municípios devem sofrer os impactos nos royalties de petróleo, diante da queda nos preços da commodity.

(*) Especial para O GLOBO

VEÍCULO: Correio Braziliense**Data:** 10/03/2020**Seção:** Economia**Autor:** Simone Kafruni**Título:** Ministério avalia taxar gasolina

Além de derrubar as bolsas de valores de todo o mundo e tirar mais de R\$ 90 bilhões do valor de mercado da Petrobras em um único dia, a queda súbita das cotações do petróleo provocou uma confusão dentro do governo. Ontem, o Ministério de Minas e Energia (MME) divulgou nota dizendo que “acompanha, com atenção, o preço do petróleo” e que “estuda instrumentos adequados que permitam uma menor variação nos preços dos combustíveis”. O presidente Jair Bolsonaro usou as redes sociais para afirmar que a política de preços da estatal está mantida e negou qualquer possibilidade de o Executivo aumentar a Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre a gasolina, hoje em R\$ 0,10 por litro, para evitar a volatilidade.

“Não existe possibilidade de o governo aumentar a Cide para manter os preços dos combustíveis. O barril do petróleo caiu, em média, 30% (US\$ 35 o barril). A Petrobras continuará mantendo sua política de preços, sem interferências. A tendência é que os preços caiam nas refinarias”, tuitou o presidente. A nota do MME destacou que o Brasil já passou por outros choques nos preços de petróleo e os superou sem sobressaltos na economia. “O governo vem se preparando para ter instrumentos adequados que permitam uma menor variação nos preços de combustíveis sem interferência na liberdade de mercado, respeitando a livre negociação entre os agentes econômicos”, diz a nota.

O MME explicou que estuda “mecanismos como forma de não submeter a economia, bem como a população, à volatilidade excessiva ou abrupta de preços, seja para mais ou para menos”. Nos Estados Unidos, o **ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque**, teve que explicar o posicionamento do MME. “A Cide é um dos componentes que poderão ser utilizados, mas isso tudo é um exercício, e não tem nada a ver com nenhuma ação”, justificou. Albuquerque ressaltou que, em janeiro, comentou com o presidente Bolsonaro que a pasta realizaria estudos sobre como evitar a volatilidade. “Estamos conversando com o ministro da Economia, Paulo Guedes, e vamos apresentar (os estudos) para ele. O presidente está muito tranquilo e colocou claramente que não vai haver interferência no preço”, ressaltou.

Albuquerque destacou que a Petrobras tem “total liberdade e vai continuar conduzindo sua política de preços”. “O país está tranquilo. Vamos adotar instrumentos voltados para o interesse público. No momento, não há nenhuma

medida emergencial”, reiterou. Ainda na manhã de ontem, o presidente em exercício, Hamilton Mourão, garantiu que o governo não deve aumentar impostos como forma de compensar os efeitos da queda do preço do petróleo porque a crise é “transitória”. “Não podemos adotar imposto neste momento. Há uma carga que vale um terço do nosso PIB. Eu particularmente não vejo possibilidade de aumento de impostos”, afirmou.

O diretor do Centro Brasileiro de Infraestrutura, Adriano Pires, explicou que o governo poderia lançar mão de um aumento da Contribuição de Intervenção no Domínio Econômico (Cide) sobre a gasolina, como já cogitado pelo MME. “É uma alternativa, em vez de baixar o preço. Porque, se reduzir muito o preço da gasolina, inviabiliza a cadeia do etanol e pode ter quebra de usinas. O governo pode aumentar e depois voltar quando o petróleo se acomodar”, sustentou.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 10/03/2020

Seção: Economia

Autor:

Título: Tesouro nega mais investimento

O secretário do Tesouro Nacional, Mansueto Almeida, disse que a equipe econômica está monitorando os efeitos do choque do petróleo sobre a economia brasileira, mas ainda é cedo para traçar um diagnóstico sobre a magnitude do impacto. Ele argumentou, porém, que não é hora de mexer no teto de gastos, mecanismo que limita o avanço das despesas públicas à inflação, para impulsionar investimentos públicos.

“Se o efeito da crise for muito de curto prazo, investimento público não adianta”, disse o secretário. “Não faz sentido mexer no teto agora.” Em meio ao pânico nos mercados com o choque no preço do petróleo e o avanço do novo coronavírus, uma ala dos economistas tem defendido a flexibilização do teto para abrir caminho a uma injeção de estímulo na economia com dinheiro público. “O teto não vai ser problema para garantir o investimento que já está no Orçamento”, garantiu Mansueto.

Para este ano, estão previstos cerca de R\$ 45 bilhões para investimentos no Orçamento federal, patamar semelhante ao verificado no ano passado, quando foram aplicados R\$ 47 bilhões nessa área, sem contar os R\$ 10 bilhões para a capitalização de estatais. “Agora, se acelerar a concessão, tem investimento muito maior. O que é concedido antes era investimento público”, frisou o secretário.

Mesmo que o choque seja permanente, o efeito mais significativo se dará sobre a arrecadação, observou Mansueto, uma vez que afetará as receitas com royalties de petróleo e pode também ter influência no desempenho da atividade econômica.

Ele admitiu que os primeiros reflexos dessa crise devem aparecer já no relatório de avaliação de receitas e despesas do primeiro bimestre.

VEÍCULO: Correio Braziliense

Data: 10/03/2020

Seção: Política

Autor: Denise Rothenburg

Título: Caminhoneiros sob tensão

Na reunião de hoje com o ministro do Supremo Tribunal Federal Luiz Fux para discutir a lei do tabelamento do frete, os empresários chegam dispostos a fechar um acordo em torno do valor pago aos caminhoneiros, desde que não haja tabelamento. Os caminhoneiros, por sua vez, vão determinados a cobrar o cumprimento da lei do frete. Logo, tem tudo para haver um impasse, se a categoria não ceder. “Estamos desenhando um novo modelo de contratação direta dos caminhoneiros, mas qualquer mudança só vai adiante se o tabelamento do frete cair”, antecipa à coluna o presidente executivo da Associação Nacional dos Usuários de Transporte de Carga, Luiz Henrique Baldez.

Até aqui, tanto a equipe econômica do governo quanto as confederações empresariais se posicionaram contra o tabelamento. Logo, se ninguém ceder, o presidente Jair Bolsonaro enfrentará mais uma encruzilhada: ou atende os caminhoneiros, ou o PIB. Com a crise econômica despontando no horizonte, há quem diga que a situação para os caminhoneiros está chegando ao ponto de “ou pegar, ou largar”.

MME / ASCOM .